

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA EDUCAÇÃO

MULTIRIO

Ludicidade e escola



ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00043

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozório

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozório** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE) • **Sueli Batista** (10ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Gerência Pedagógica: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**

Gerência de Jornalismo: **Martha Neiva Moreira** (editora) •

Renata Petrocelli (subeditora) • **Fábio Aranha**, **Carolina Bessa** e **Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)

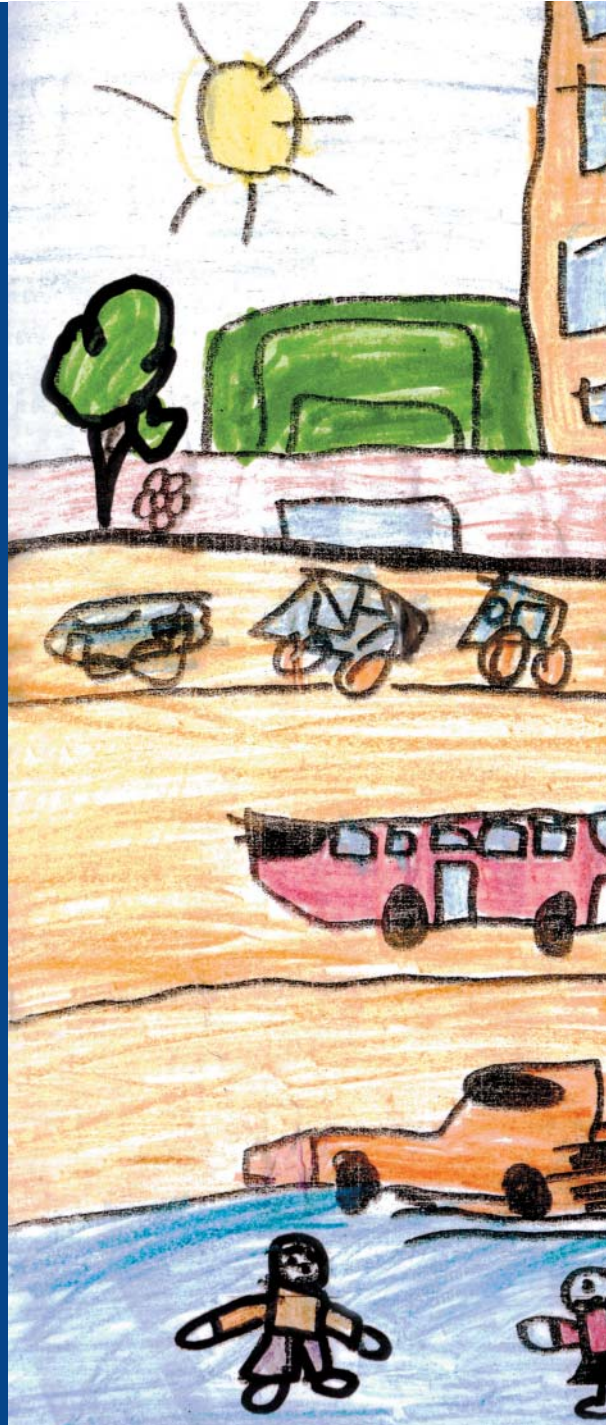
Gerência de Artes Gráficas: **Flavio Carvalho** (gerência) •

Cláudio Gil (coordenação), **Adriana Simeone**, **Aline Carneiro**, **David Macedo Sá** e **Gustavo Cadar** (designers) • **Vivian Ribeiro** (produção gráfica)

Alberto Jacob Filho (fotografia)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares





DESENHO DO ALUNO GABRIEL RENATO DE OLIVEIRA CAMARGO
ESCOLA MUNICIPAL ARACY MUNIZ FREIRE

- 4 editorial
- 5 cartas
- 6 zoom
O que você faz para educar seus filhos para o trânsito?
- 8 ponto e contraponto
A arte no contexto escolar
- 13 pan 2007
Capital mundial do esporte
- 15 carioca
Fonte inesgotável de idéias
- 17 século XXI
Pelos salões do palácio
- 18 parceria
Sinal verde para a educação
- 20 rede fala
Reconstruindo jogos e brincadeiras cooperativamente
- 22 olho mágico
Experiência enriquecedora
- 23 professor on line
Território livre do saber
- 23 caleidoscópio
Diversidade dentro da sala de aula
- 26 capa
A prata dessa casa vale ouro
- 32 artigo
Tenho motivos para chamar sua atenção
- 34 atualidade
Desafio para a humanidade
- 37 presente do futuro
Abaixo o "recorte e cole"!
- 39 pé na estrada
Uma cidade em novo ângulo
Dia de repensar a escola
Ciência é a maior diversão
- 44 foi assim
Terminal marítimo da cidade
- 46 perfil
Sensibilidade à flor da pele
- 48 agenda
- 49 tudoteca
- 50 MULTIRIO na TV

Ludicidade e escola

Neste número completamos 10 edições a falar de ludicidade em suas inúmeras faces e sua importância na vida de qualquer ser humano. Para comemorar, contamos na página 26 experiências bem-sucedidas de professores da Rede que abriram espaço ao lúdico em suas aulas. A intenção foi mostrar como a criatividade, a valorização dos conteúdos trazidos pelos próprios alunos e o incentivo à expressão podem transformar o dia-a-dia das escolas e tornar o trabalho prazeroso também para o professor. Aliás, criatividade também é o tema do artigo do roteirista e diretor de cinema e TV Fernando Mozart, que fala das possibilidades de uso das novas tecnologias em sala de aula.

A arte-educadora Ana Mae Barbosa ressalta em entrevista na página 8 a importância da arte na educação e na formação de cidadãos capazes de expressar sentimentos e opiniões. Para Ana, a educação pela arte deve envolver o fazer artístico, a leitura da obra-de-arte e a história da arte.

A seção *Perfil* relata a trajetória da inglesa Margaret Mee, que veio para o Brasil, se encantou com a exuberância da Mata Atlântica e da Amazônia e se tornou uma das maiores ilustradoras de espécies botânicas que o mundo já conheceu, transformando o produto de seu ofício em verdadeiras obras-de-arte.

Aproveitando a homenagem prestada ao poeta e escritor Vinícius de Moraes, em setembro, pelo escritório de representação do Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro, a revista conta um pouco da história do Palácio do Itamaraty, onde Vinícius atuou como diplomata.

Outro assunto presente nesta edição é o aumento do número de acidentes de trânsito, que merece toda a atenção de pais e educadores (seções *Parceria* e *Zoom*). Tudo isso e mais as experiências bem-sucedidas realizadas pelas escolas da rede pública municipal.

Não deixe de ler.



Sonia Mograbi
Secretária municipal de Educação

Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?

Crônicas da escola
A partir do dia 3 de abril, a série *Crônicas da minha escola* está de volta à programação da MULTIRIO, com episódios inéditos. A produção mostra a rotina de alunos em diferentes países e destaca o papel da escola na constituição da cidadania. O primeiro episódio apresenta uma escola de canto em Fortaleza.
Benefício: segunda (3), às 14h.
Canal 14 de Rio: quarta (3), às 13h; e sexta (7), às 9h.

Revista nova
É distribuída para as escolas da zona leste como a ludicidade e jogos de história. A publicação, a *História do município Tom* inspirada na Cidade das Crianças (geri), entre outros temas.
multirio.org.br/multirio10anos

Concurso
A edição 2006 do concurso de textos teatrais *Teatro e Drogas do Cere* em dia 12 de abril, às 19h30, no Centro de Referência em Educação Física do Presidente Vargas.
Benefício: 10h

Documentos
A edição 2006 do concurso de textos teatrais *Teatro e Drogas do Cere* em dia 12 de abril, às 19h30, no Centro de Referência em Educação Física do Presidente Vargas.
Benefício: 10h

NOTÍCIAS DA MULTIRIO
Saiba em 9 de junho. O Portal tem que estar na escola, seja a respeito da Alemanha, a partir para a saúde de um país. Confira também as novidades que o Portal tem.

Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter. Mande e-mail para ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br ou ligue para 2528-8282.

Cultura portuguesa

Quero parabenizar a jornalista Bete Nogueira pela matéria sobre o Real Gabinete Português de Leitura, publicada na página 13 da edição 41 de NÓS DA ESCOLA, intitulada "Casa da cultura portuguesa". Aproveito para solicitar o envio de alguns exemplares da revista para o acervo da nossa biblioteca.

Orlando José D. Inácio
Gerente administrativo do Real Gabinete Português de Leitura

Produção literária

Olá! Sou professora da Rede Municipal e também escrevo. Acompanho com muita admiração as publicações da MULTIRIO, em especial NÓS DA ESCOLA, e gostaria de enviar uma crônica que escrevi sobre a importância dos livros. Como deverei proceder? Parabéns pelas publicações e um abraço.

Tereza Cristina Monteiro, professora
N. da R.: Professora, seu texto pode ser enviado para o *e-mail* multirio_dpud@rio.rj.gov.br ou para o endereço: Núcleo de Publicações e Impressos - Largo dos Leões, 15, sala 908. Humaitá - Rio de Janeiro - RJ CEP 22260-210. Estamos aguardando.

Psicomotricidade

Sou professor em Santa Catarina e tenho um texto sobre psicomotricidade de autoria da gerente pedagógica de NÓS DA ESCOLA Joanna Miranda, que é muito bom, e quero saber se é possível usá-lo nas minhas aulas, citando a fonte. Desde já agradeço a atenção.

Eliano da Silva
Professor
N. da R.: Certamente, professor. NÓS DA ESCOLA agradece a escolha e o elogio.

Santos Dumont

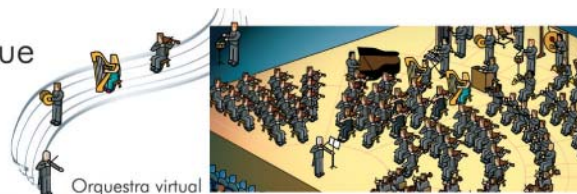
NÓS DA ESCOLA parabeniza a direção da E. M. Joaquim da Silva Gomes (10ª CRE) pelo encerramento da segunda fase do projeto Santos Dumont, um Herói Brasileiro, em 19 de setembro. Na oportunidade foram premiados e homenageados os alunos classificados no concurso de redação que versou sobre o tema Santos Dumont e o Centenário do Vôo do *14-Bis* e foi lançado um concurso de maquetes, com ênfase para os 70 anos da inauguração do hangar do *Zeppelin*, hoje Base Aérea de Santa Cruz.

Correspondência

NÓS DA ESCOLA agradece o texto enviado por Edinalva da Paz, professora da Sala de Recursos para Deficientes Visuais da Escola Municipal Leônidas Sobrinho Porto, da 8ª CRE.

Acesse o Portal MULTIRIO e navegue por tudo isso e muito mais.

www.multirio.rj.gov.br



Presidentes do Brasil



Prefeitura do Rio
Este investimento vale ouro para a Cidade.



PREFEITURA
EDUCAÇÃO MULTIRIO

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpud@rio.rj.gov.br
Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

O que você faz para educar o

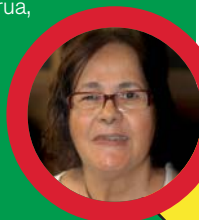
O acidente de automóvel que matou cinco jovens com idades entre 16 e 22 anos na madrugada de domingo, 3 de setembro, na Lagoa, lembrou de forma trágica a responsabilidade que se deve ter para dirigir um veículo. Os jovens estão mais expostos aos perigos da direção por serem mais inexperientes. As estatísticas mostram que é na faixa etária entre 18 e 24 anos que está o maior número de vítimas de acidentes como este que matou os cinco jovens. Como o caminho para a prevenção passa pela educação, NÓS DA ESCOLA foi às ruas perguntar aos pais o que eles fazem para educar os filhos para o trânsito.

Shirley Figueiredo, professora aposentada, oito filhos de 37 a 47 anos

– Ensinei meus filhos desde cedo a se portar na rua, a esperar a vez, a olhar o sinal.

Na escola, eles aprenderam os sinais de trânsito, a atravessar a rua, tudo com música. Eu também cantava para eles aprenderem.

Quando cresceram e chegou a idade de dirigir, ensinei que é importante ter cuidado. Porque no trânsito, além do autocontrole, você precisa prever o que o outro vai fazer. Não é só a preocupação em não ferir, é preciso estar atento para não ser ferido. Os pais precisam ensinar seus filhos desde cedo.



500 m

Teresa Carvalho, dentista, dois filhos de 14 e 17 anos

– A gente educa falando que beber e dirigir não é uma boa combinação, que não se deve pegar carona no carro de quem bebe. É preciso chamar atenção para essas tragédias que acontecem. O pior perigo é o excesso de bebida que é

liberado para os jovens. Não adianta os pais proibirem se eles têm facilidade de entrar num bar e pedir uma bebida. Não adianta falar se você mesmo faz uma festa para seu filho e a bebida é servida para menores de idade. Os pais têm que dar o exemplo.



SOB NEBLINA
REDUZA A
VELOCIDADE

Fernando Moreira, economista, um filho de 18 anos

– A primeira coisa é a repreensão e a repressão por dirigir alcoolizado. Para meninos da idade do meu filho é a pior ameaça, porque eles têm o hábito de beber. As estatísticas mostram que a maioria dos acidentes envolvendo adolescentes dessa idade tem conexão com o álcool. É o fator mais importante na educação para o trânsito



NEBLINA
LUZ BAIXA

os filhos para o trânsito?

João Carlos Quadra, economista, dois filhos de 15 e 18 anos

– Tento educar dando exemplo. É o melhor que se pode fazer. Ao tentar ser correto, respeitar as leis, você está dando o melhor exemplo possível para seus filhos. As auto escolas hoje têm um número de horas maior do que na época em que eu tirei minha carteira. Acho que as coisas têm melhorado nesse sentido. O grande problema é que a juventude não sabe lidar com o álcool e acaba fazendo isso que vem fazendo por aí.



Rose Ramos, professora, dois filhos de 14 e 18 anos

– A conscientização é muito importante. É preciso muita conversa e um bom exemplo. Educar para o trânsito é essencial para preservar a sua vida e a dos outros. A educação vem de berço. Você educa conversando e dando o exemplo. Não adianta só falar e fazer tudo errado.



Lilibeth Cardoso, socióloga, dois filhos de 23 e 24 anos

– É importante ensinar que o trânsito é uma forma de violência dissimulada e que o carro é uma arma. Meus filhos quando bebem não dirigem. O Rio de Janeiro tem uma violência explícita, que é a violência armada e do narcotráfico. Mas essa violência do trânsito, que é dissimulada, é absolutamente estúpida. O jovem acha que é imortal. Quando eu tinha 20 anos eu também achava que não ia morrer. Por isso, desde pequenos, ensinei a meus filhos que o carro é uma arma e pode matar.



Ernani Adler, aposentado, três filhos de 25, 29 e 31 anos

– A educação é fundamental para a sobrevivência das pessoas que dirigem e para os pedestres também. Cada pai tem que conscientizar os filhos, porque a situação do trânsito está caótica. Nós vemos todo dia nos jornais notícias de acidentes, da falta de cuidado e do descaso que as pessoas têm. E não são só os jovens. Tem muita gente madura que deveria ter mais consciência e não tem. A pior coisa é a falta de educação. Se você for bem educado, não vai beber e dirigir, nem xingar os outros nem correr e respeitará mais o pedestre.



A arte no contexto da escola

Quem conversa alguns minutos com Ana Mae Barbosa, uma das mais respeitadas especialistas em arte-educação no país, não acredita que esteve fora dos seus planos um dia ser professora. E mais, que arte era uma das disciplinas que ela mais detestava nos tempos do curso normal. Graças à percepção de seu professor, o educador Paulo Freire (1921-97), de que estava diante de uma aluna que prometia ser uma profissional de destaque, Ana passou a se interessar pelo ofício e descobriu que ensinar e aprender arte dá um enorme prazer. Graças a sua contribuição para o ensino, arte hoje na escola não mais se reduz a desenho geométrico, como vinha acontecendo há quase duas décadas. Ensinar arte passou a ser uma forma de desenvolver a cognição e a contextualização.

Professora da pós-graduação em arte-educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e da Universidade Anhembi Morumbi, também em São Paulo, foi Ana quem propôs, em 1991, em seu livro *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*, a atualização do conceito de ensino vigente até então. Na obra, a educadora expunha uma proposta triangular, que englobava o fazer artístico, a leitura da obra-de-arte e a história da arte. Hoje ela defende algo como um ziguezague, em que o mais importante é fazer e contextualizar o que fez, ver e contextualizar o que viu, e assim por diante.

Qual o papel da arte-educação na escola?

O que a escola tem feito ultimamente é submeter a arte às normas e princípios das outras disciplinas e isso mata a possibilidade de desenvolver a compreensão, a cognição, a percepção e o processo criador. Hoje me afino à corrente da arte que busca o desenvolvimento da cognição. Há um pesquisador chamado James Catterall¹ que faz pesquisas sobre pesquisas. Ele buscou trabalhos que comprovassem que a arte desenvolve a possibilidade de aprender outras disciplinas e achou vários, inclusive no teatro. Mostrou como o teatro desenvolveu a cognição [a capacidade de conhecer], que pode ser aplicada a outras disciplinas. Crianças que tinham um parco rendimento estão trabalhando na escola adequada-

mente com arte. Porque não é colagem de macarrão no papel o que desenvolve, é preciso um trabalho de arte que leve à consciência, à interpretação, à análise da obra-de-arte dos outros. E, além disso, que leve o aluno a se organizar e também a produzir arte. É preciso aliar as duas coisas: arte como expressão e arte como cultura. O seu conhecimento de arte não é estudar impressionismo, expressionismo... isso não adianta nada. Isso é apenas verniz social.

Como deve ser aplicada na prática a arte-educação?

O aluno, diante de uma obra-de-arte, deve ser capaz de analisá-la, dar um significado a ela, contextualizá-la. A grande porta para o desenvolvimento da cognição é a contextualização

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



– conhecer as condições em que aquelas obras foram feitas, como era o mundo naquele momento, como eram as outras artes, comparar com o que é feito hoje e com artistas que trabalham em condições semelhantes. Isso é contextualização, não é contar a vida do artista nem explicar os *ismos*. A vida do artista interessa quando explica a obra. Para trabalhar com uma obra de [Joseph] Beuys², é preciso seguir alguns pontos da vida dele. Certos materiais que usa derivam de um acontecimento vivido por ele. Foi ferido de guerra e, ao ser tratado, seu corpo foi envolvido com feltro e vaselina. Ele usa muita vaselina nas suas obras, é uma forma de referência à própria pele. Ele havia caído de avião e foi socorrido e medicado. Aí, sim, vale a pena conhecer a vida do artista. Catterall encontrou outras pesquisas que mostram que a música desenvolve a capacidade de cognição em outras áreas e há 300 pesquisas mostrando como a arte é importante para o desenvolvimento espacial, inclusive na apren-

dizagem. Ele chega a dizer que [a arte] é interessante para aprender a ler, porque você relaciona as palavras no espaço. Além disso na arte não existe certo e errado, apesar de em todas as áreas ser assim. Na arte você tem o mais e o menos adequado, o mais e o menos inventivo. Não há como ensinar a desenhar um céu. Ele pode ser de qualquer cor. Há uma liberdade poética na arte que a tira da vala comum das disciplinas do certo ou errado. ►

¹James Catterall é norte-americano, professor da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, EUA. Realiza pesquisas sobre educação.

²Joseph Beuys (1921-86) foi um escritor alemão que desenvolveu técnicas como escultura, instalação, *performance* e vídeo. Durante a Segunda Guerra Mundial se alistou na Força Aérea alemã. Acredita-se que a predominância do feltro e da vaselina na sua obra seja devida a um incidente ocorrido durante a guerra. Beuys foi atingido e seu avião caiu durante uma missão na Criméia. Foi resgatado e teria sido salvo ao ter o corpo recoberto por feltro e vaselina. Por conta disso, esses dois materiais são frequentemente encontrados em suas obras.

Além de fonte de conhecimento, a arte pode ser importante na construção da cidadania?

Eu tirei a palavra cidadania do meu vocabulário, porque a direita tomou conta dela. Esvaziou-a. O que eu vejo por aí de projetos de construção de cidadania absolutamente terríveis, que significam manter o pobre contente na sua pobreza, é uma vergonha. Isso é o que fazem essas empresas que querem mostrar que têm responsabilidade social para agradar o governo. Eu prefiro falar de noção de pertencimento ao país em vez de cidadania. Não é exatamente a mesma coisa, mas é melhor que ser vazia. A palavra cidadania foi esvaziada completamente.

Como incentivar na sala de aula o gosto pela artes plásticas, em um mundo em que a fotografia, a programação visual, as imagens virtuais são mais difundidas?

Tudo isso para mim é arte. Aliás, pode ser arte se tiver alta qualidade. Existe uma área pela qual estou fascinada, pensando no desenvolvimento da percepção, que é a do VJ³. Acho uma coisa fantástica, em tempo real, misturar imagens daquela maneira. A coisa é feita para alucinar o indivíduo, mas eu vejo do mesmo modo que Aldous Huxley⁴ via a mescalina: para abrir as portas da percepção. Depois da porta aberta, você vai fazer outras coisas mais pontuais.

Então os produtos das novas tecnologias (internet, fotografia digital, webcams) são arte?

Não só arte, e de boa qualidade, como também podem auxiliar muito no ensino da arte. Antigamente era muito difícil conseguir montar uma aula que levasse crianças ou adolescentes a analisar obras-de-arte. A gente não tinha reproduções, elas eram caras. Agora você vai na internet e nem precisa imprimir. O professor vê com os alunos a obra na tela se a escola tem computador. Agora, tem um grande problema: a escola precisa se atualizar, comprar computadores para cada criança.

Você falou que, se de boa qualidade, esses produtos das novas tecnologias

podem ser considerados arte. Mas o que é ser de boa qualidade, na sua avaliação?

Boa qualidade é uma coisa complexa. Por exemplo, há sites que eu abro e depois não vejo mais, porque são ruins. Coloca-se uma letra verde em um campo preto, que não se consegue ler. A primeira coisa que vejo em um site é a legibilidade. Depois vejo as outras coisas. Uma programação visual de alta qualidade estética é a de Aluísio Magalhães⁵. O que ele fez foi espantoso. Este logo do Banco do Brasil em que você tem o B e o B amarrados, o próprio Banco já chamou vários designers para atualizar, mas acabam achando-o perfeito. Há coisas na publicidade e no design gráfico que são arte para mim, dada a capacidade de contenção de vários significados.

Como o aluno desperta o senso crítico para a arte?

Sendo levado para ver boa arte. Visitando centros culturais, museus, galerias, olhando a rua. Uma feira pode ser uma fantástica lição de cultura visual do povo. Uns arrumam sua banca de uma maneira que seduz, atrai – têm capacidade de organizar formalmente a coisa para atrair. Há algo que eu chamo de cultura visual do povo, que é uma pessoa que não se vê como artista, a sociedade não a classificou como artista popular ainda, mas ela procura cercar até os seus instrumentos de trabalho de imagens que atraem. Estou trazendo do Recife um fruteiro de vender bala que um artista pintou de rosa e desenhou um leão enorme em um lado e no outro escreveu “chicletes”. São Paulo está cheio disso nas portas das lojas. Na periferia há aquelas portas de ferro, que são puxadas e fechadas com cadeados [portas de enrolar]. Hoje elas

³ As iniciais de *video jockey*.

⁴ Aldous Huxley (1894-1963), escritor inglês, tem como uma das suas mais célebres obras *Admirável mundo novo*. O uso da mescalina, um alcalóide de origem vegetal e com propriedades alucinógenas, foi abordado em seu livro *As portas da percepção*.

⁵ Aluísio Magalhães é um artista plástico pernambucano nascido em 1927. Além de trabalhar com artes plásticas, foi designer e também ilustrador. Em Pernambuco, o Museu de Arte Moderna leva o seu nome.

são verdadeiras telas para pintar. Estão chamando pessoas da comunidade para pintá-las, cada uma com um motivo diferente. Algumas pinturas são engraçadas, outras, referências do que há na loja. São interessantíssimas.

Então o aluno pode ver uma barraca de fruta na feira e olhá-la de uma maneira diferente, contextualizada. Mas para isso, não é preciso que o professor tenha uma preparação, uma formação para orientá-lo a ver dessa forma?

Claro. Mas o professor precisa formar o olho dele primeiro. Tem de conhecer bem a arte para trabalhar com ela. Não precisa ser artista. Já vi vários professores que são críticos, mas não artistas. Não é só conhecer história da arte, como a gente a estuda na escola, que começa nas cavernas e nunca chega aos dias de hoje. Mas uma outra maneira de conhecer essa história contextualizada. Se você não contextualiza o conhecimento, ele não tem significação para você. A história cultural foi muito importante porque trouxe novo alento à história da arte. Porque ela era desligada de tudo. Você estudava o românico e o gótico, mas nunca a destruição das igrejas românicas e góticas pelo calvinismo⁶. Muitos ficaram espantados com os talibãs, que destruíram figuras “profanas” talhadas na rocha, mas os calvinistas haviam feito a mesma coisa. Então é nessas coisas que a gente tem que ver os prós e contras na arte, em diferentes épocas. Não só o que foi produzido, mas também o que foi destruído é importante como dado.

Como deve ser aplicado o que você chama de abordagem ou proposta triangular, que engloba o fazer artístico, a leitura da obra-de-arte e a história da arte⁷?

Para mim, a contextualização é tão importante que essa imagem do triângulo já está dissolvida. Agora vejo a proposta mais como ziguezague, que é fazer e contextualizar o que fez, porque assim a pessoa aprende a se conhecer. E a outra coisa é ver e contextualizar. Ver uma obra de Picasso e inseri-la no contexto da época, quem eram seus amigos, quem era seu *marchand* preferido, quem o influenciou, qual era a receptividade [de seu trabalho] ...

No mundo contemporâneo somos bombardeados com diversas imagens por minuto em todos os locais por que passamos. Conhecer arte e contextualizá-la é importante para aprender a discernir o que se vê no dia-a-dia, compreender o que está à sua volta?

É claro. Há um livro meu antigo de uns 15 anos atrás [*A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*], em que cito uma pesquisa na França feita há 20 anos que falava que 82% do que a gente aprende informalmente aprende através da imagem. E isso fica gravado na nossa mente e você saca desta aprendizagem toda vez que quer responder imediatamente a uma situação inesperada. Você aprende inconscientemente.

Exatamente neste livro você diz que a arte exercita a nossa habilidade de julgar e de formular significados que excedem a nossa capacidade de dizer em palavras. Por que as imagens têm o poder de transcender as palavras?

Eu preciso rever este livro, porque eu não chamei de metodologia ou proposta triangular. Foi um apelido do pessoal do museu. A gente pesquisou que se aprende melhor a arte relacionando o fazer, o ver, com a história da arte, porque afinal o museu respira história. Mas quando saí de lá, pensei que era uma coisa capenga, porque a contextualização não é só histórica, pode ser social, antropológica, de qualquer natureza. Aí substituí história por contextualização. Agora já estou ampliando [essa conceituação]. Já escrevi um capítulo corrigindo a metodologia, que se chama “Tópicos utópicos”, porque metodologia quem faz é o professor. Isso é abordagem, ►

⁶Calvinismo foi como ficou conhecida a doutrina da Reforma Protestante da Igreja, preconizada por João Calvino (1509-64).

⁷A proposta triangular apresentada por Ana está no livro *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*, que analisa a situação política e conceitual do ensino de arte na década de 1980 no Brasil, estabelecendo comparações com as mudanças de abordagem ocorridas neste campo nos Estados Unidos, no mesmo período. A ênfase da abordagem ou metodologia triangular relaciona o fazer artístico, a leitura da obra-de-arte e a história da arte, colocando a imagem no centro da aprendizagem.

proposta metodológica. Agora preciso de um capítulo para falar do ziguezague, porque você faz e contextualiza, você vê e contextualiza. Inclusive, essa é uma idéia mais aberta. O que deu muita confusão na abordagem triangular é que o professor pensava que tinha que fazer as três coisas no mesmo dia juntas. Mas você pode levar o aluno um dia a trabalhar [a partir] da sua própria imaginação e depois procurar em revistas e livros de arte algo que se assemelhe ao que fez – assim você está contextualizando. Outro dia você pode mostrar uma escultura e conversar sobre ela, ver quais os artistas que trabalham de forma semelhante e assim por diante. A pessoa fica mais livre se a gente falar em ziguezague.

A imagem, então, transcende o que a gente não consegue dizer em palavras, não é?

Claro. Assim como as palavras têm o poder de transcender a própria imagem. Não vejo hierarquia entre palavra e imagem. Há casos em que a imagem já está automatizada de tal maneira que você fala e não visualiza. A imagem não precisa ser muito nítida, já está configurada. Para aprender as palavras, aí sim, você vai precisar das imagens, mas de imagens concretas. Mas a gente vai abstraído, atingindo o pensamento operacional, que é abstrato. Já a palavra ganha sentido sem você precisar fazer a imagem na cabeça. Imagina se eu tivesse que fazer a imagem mental de todas as palavras que eu estou te falando aqui, eu ia ficar louca [risos]. Sou contra a hierarquia do saber. A arte sofreu muito com isso. No Brasil do positivismo, em que havia a idéia de que a geometria era a ciência máxima e a arte deveria ser tomada pela geometria, tudo isso fez com que a gente, durante anos e anos, em vez de arte tivesse desenho geométrico na escola. Uma aliança liberal positivista que deixou a arte na escola durante anos e anos como faixa decorativa.

A arte era vista como atividade de lazer?

Não era nem lazer. Eu odiava. Chegavam e diziam que a gente tinha que fazer faixa decorativa, em uma época que não estava mais na moda pintar em parede aquelas faixas. Então a gente era obrigada a fazer a grega, a rosácea... Tinha

um exercício que eu odiava, que era o de ampliar figura. De um lado se fazia um quadrado dividido em menores e depois, um maior, também dividido em quadradinhos, proporcional, e você ia transferindo de um lado para o outro.

Como você passou a gostar de arte e a estudar novas formas de ministrar arte na escola?

Eu fiz escola normal no Recife e perdi o primeiro lugar da turma por causa de notas baixas em matemática e em desenho. Essa última era uma mistura de iniciação ao desenho industrial e arte. Quando eu saí, tinha ódio à idéia de que eu iria ensinar. Fiz obrigada por minha família. Mas nesse meio tempo, louca pela minha independência financeira, resolvi me preparar para um concurso. Então fiz um curso dado pelo Paulo Freire. No primeiro dia de aula ele disse: “Eu queria saber como está o nível de vocês. Escrevam e me digam por que querem ser professoras”. Eu estava *por aqui*, com tudo aquilo engasgado, porque minha família não me deixava fazer outra coisa. Aí escrevi por que eu não queria ser professora. No dia seguinte, ele devolveu as redações a todo mundo, menos a mim. Disse que queria conversar comigo. Depois de umas quatro horas de conversa, ele me convenceu de que educação não era aquilo que eu tinha tido. Que aquilo era na verdade repressão, conformação à norma, e que o magistério poderia ser libertador. Aí decidi perseguir as coisas em que fui péssima na escola. Fui fazer curso de matemática moderna e me matriculei na escolinha de arte do Recife, da qual Paulo Freire era presidente.

E qual foi o resultado desta decisão?

Criou-se um dilema, porque eu me dei muito bem na matemática e o professor queria que eu ficasse como assistente dele. E ao mesmo tempo me dei muito bem na escolinha de arte. Acabei escolhendo a arte. Trabalhar com arte dá um enorme prazer. Da maneira como eu trabalho e como a escolinha trabalhava, aí sim dá um enorme prazer. Então decidi que se realmente quisesse ser professora tinha que ser muito boa em tudo. Foi um alumbramento descobrir que matemática era raciocínio e os professores me faziam decorar. ■

Capital mundial do esporte

Com o Pan, o Rio ganhará em infra-estrutura urbana e em 'know how' de eventos internacionais



O Estádio Olímpico João Havelange, no Engenho de Dentro, foi projetado para sediar as competições dos Jogos Pan-Americanos

Para os Jogos Pan-Americanos de 2007 são esperados 5,5 mil atletas, provenientes de 42 países, que disputarão 28 modalidades esportivas. Mais do que um evento que voltará os olhos do mundo para a Cidade Maravilhosa, o Pan 2007 deixará um legado de realizações para a capital fluminense em diferentes áreas e a capacitará a vãos mais altos como, quem sabe, sediar uma olimpíada no futuro.

O principal legado para a cidade, naturalmente, será o esporte. O Rio entra definitivamente para o calendário mundial dos grandes eventos esportivos como o centro mais bem preparado e estruturado da América Latina.

O coordenador de Infra-Estrutura Urbana da Secretaria Especial Rio 2007, Roberto Ainbinder, afirma que as instalações que estão sendo construídas e reformadas pela Prefeitura estão entre as mais modernas do mundo. "Toda essa nova estrutura esportiva estará a serviço do desenvolvimento de atletas de alto rendimento, de forma sistemática", ressalta.

Para sediar as competições do Pan, estão sendo construídos o Estádio Olímpico João

Havelange, no Engenho de Dentro, e o Complexo Esportivo de Deodoro, que abrigará competições de tiro esportivo, hipismo, hóquei sobre grama e pentatlo moderno. O Autódromo de Jacarepaguá será transformado em complexo esportivo e contará com uma arena multiuso e um parque aquático. Além disso, estão sendo reformados o Maracanã, o Maracanzinho, o Parque Aquático Júlio Delamare, o Estádio de Remo da Lagoa, a Marina da Glória e o Riocentro. Ao todo, serão gastos R\$ 15 milhões em equipamentos esportivos.

Mais infra-estrutura – A cidade ganhará ainda em equipamentos urbanos. Será construída uma rotatória de retorno na Avenida Ayrton Senna e o entorno da Vila Pan-Americana terá melhorias na circulação. A própria vila está em construção, o que representa um acréscimo de 17 prédios e 1.480 apartamentos à Barra da Tijuca, que ganhará um centro de controle de tráfego. Novos pontos da cidade terão câmeras de monitoramento. Parte da Avenida Abelardo Bueno, na Barra da Tijuca, está sendo duplicada, ►

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

a Lagoa Rodrigo de Freitas, dragada e o Aeroporto Santos Dumont, ampliado. A orla de Copacabana já começou a receber novos quiosques totalmente remodelados. Também serão reformadas as estações de trem.

O Pan representará oportunidades de negócios e proporcionará a movimentação de R\$ 2 bilhões na economia do Rio. O mercado imobiliário será aquecido e milhares de empregos serão gerados em setores ligados ao esporte, na construção civil e no setor de turismo, que será incrementado pela exposição do Rio e do Brasil na mídia internacional. “Os jogos transformarão o Rio na capital dos esportes da América Latina. O esporte é o principal segmento da indústria do entretenimento e isso trará inúmeros benefícios para a economia da cidade. A candidatura do Rio às Olimpíadas de 2016 é a continuidade natural dessa estratégia”, ressalta Ainbinder.

A opinião é partilhada pelo secretário-geral do Comitê Organizador dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 (Co-Rio), Carlos Roberto Osório. Ele afirma que os jogos serão decisivos para impulsionar o crescimento do esporte em nosso país e servirão de “vestibular” para as futuras pretensões brasileiras de realização da Copa do Mundo e do Jogos Olímpicos. “Durante o mês de julho de 2007, toda a atenção dos países das Américas estará voltada para o Rio e o Brasil. Teremos uma oportunidade única de apresentar nossa cidade, suas belezas naturais, sua cultura e seu povo, além de sua capacidade de organização que abrirá as portas para eventos no futuro”, comenta.

Inclusão social– O esporte nacional terá novo impulso, com o investimento em 2006 de cerca de R\$ 24 milhões por parte do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e de confederações brasileiras olímpicas na preparação de equipes e atletas visando ao Pan e aos Jogos Olímpicos de Pequim 2008. Outros R\$ 6 milhões do Fundo Pan-Americano serão investidos na preparação para o Rio 2007.

Os Jogos Pan-Americanos permitirão um aumento do intercâmbio internacional, sobretudo com as Américas, e como consequência o Brasil receberá um maior número de equipes estrangeiras para treinamento em território nacional.

Graças ao Pan, o país contará ainda com 27 técnicos estrangeiros, trabalhando em 16 modalidades esportivas, o que levará o esporte brasileiro a um novo patamar.

Com o Pan, ganha incremento a inclusão social pelo esporte promovida pela Prefeitura do Rio, através das Vilas Olímpicas, que privilegiam áreas com alguns dos menores índices de desenvolvimento humano (IDH) do município e que atendem a mais de 75 mil pessoas semanalmente. Serão construídas mais três vilas na cidade e as existentes receberão melhorias.

Mais segurança– Outro benefício para a cidade será a incorporação de tecnologias modernas de comunicação e que estarão disponíveis nas competições. A cidade ganhará com o aumento da experiência do planejamento operacional de transportes para grandes eventos e com a integração cultural com os demais países participantes. Eventos esportivos futuros poderão contar com um renovado Laboratório de Apoio e Desenvolvimento Tecnológico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ladetec/IQ-UFRJ), responsável pela realização de testes de controle de dopagem, que está sendo modernizado e aparelhado.

A segurança pública também sairá fortalecida do evento com o treinamento de policiais militares e de cães farejadores, que ganharão um canil modelo. A PM e a Polícia Civil serão reaparelhadas e modernizadas, com destaque para sistemas de comando e controle, além de equipamentos e antibomba. A Secretaria de Segurança Pública e a Guarda Municipal contarão com novos sistemas de comunicações. A Defesa Civil também está sendo reaparelhada.

“Nossa expectativa é de que os Jogos de 2007 sejam um evento inesquecível. Não temos medido esforços para dotar a cidade de equipamentos de infra-estrutura, indispensáveis para que o Rio de Janeiro tenha um excelente desempenho diante das Américas e do mundo. O povo carioca, com sua descontração, afabilidade, carinho e atenção com os turistas fará o resto. Tenho certeza de que teremos, entre 13 e 29 de julho do ano que vem, um evento memorável para os atletas, para os cariocas e para os brasileiros” conclui Ainbinder. ■

Pelos salões do Palácio

Itamaraty do Rio mantém aura da época da Velhacap e abriga importantes reuniões internacionais



A área dos fundos do Palácio do Itamaraty abriga um belo cenário, com direito a lago e palmeiras centenárias

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

SERVIÇO

Palácio do Itamaraty
Av. Marechal Floriano, 196 -
Centro.
As visitas ao museu
funcionam com hora
marcada, pelo telefone 2253-
2828. Horários: segundas,
quartas e sextas, de hora em
hora, a partir das 13h.

O Casarão. Não seria exagero definir o Palácio do Itamaraty de forma tão superlativa, por sua presença na história brasileira desde o período imperial, quando foi erigido, passando pela infância da República e abrigando importantes decisões – como o Tratado de Limite do Acre, habilmente conduzido pelo Barão do Rio Branco, e o fim da Guerra do Paraguai. Chegando aos nossos dias, o escritório auxilia o trabalho do Ministério das Relações Exteriores (MRE) com o setor de cerimonial, mantendo a majestade de quem já sediou o governo federal.

Tem esse nome desde a época da construção, por volta de 1850, quando foi morada do filho do Barão de Itamaraty. Com a República, passou a sede do novo governo até o fim do século XIX, quando o poder foi transferido para o Catete. Abrigou, então, o Ministério das Relações Exteriores até a transferência para Brasília, nos anos 1970. Isso explica por que a chancelaria brasileira também ficou conhecida como Itamaraty.

O palácio sofreu esvaziamento quando as embaixadas finalmente foram transferidas para Brasília. Porém, nunca parou de funcionar. Apesar de existirem outros escritórios regionais ligados ao MRE (nas cidades de Porto

Alegre, Recife, Florianópolis, São Paulo, Manaus e Curitiba), o carioca se destaca. Primeiro, por ser o único a ocupar um patrimônio do próprio Ministério. Segundo, por seu valor histórico. Terceiro, por acolher importantes documentos. Lá, funcionam o Museu Histórico e Diplomático, a Mapoteca e o Arquivo Histórico.

O embaixador Virgílio Moretzsohn de Andrade, chefe desse escritório de representação do MRE, conta que o palácio passou a ser utilizado como sede de conferências sobre política e economia. Serve ainda como recepção em grandes encontros internacionais, como os do Mercosul. Além da tradição, reunir ministros e chefes de Estado no Itamaraty tem a vantagem do charme da cidade, tão diferente de Brasília. No meio de intensa programação, este ano houve uma noite particularmente festiva: a homenagem e o ato de reparação ao poeta e diplomata de carreira Vinicius de Moraes (veja o quadro).

Acervo – O Museu, a Mapoteca e o Arquivo (biblioteca) possuem acervo bem específico, uma viagem sobre a “construção” da terra brasileira. O material disponível para consulta é mantido sob segurança rigorosa. A medida é ►

SAIBA MAIS

Site
Página do Ministério das
Relações Exteriores
www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/relext/mre/apresent/index.htm

Livros
MOURA, Cristina Patriota de. *Rio Branco – a monarquia e a república*. Rio de Janeiro, FGV, RICÚPERO, Rubens. *Rio Branco: o Brasil no mundo*. Rio de Janeiro, Contraponto.
CASTRO, Ruy. *Querido poeta – correspondência de Vinicius de Moraes*. São Paulo, Companhia das Letras.
MORAES, Vinicius de. *O cinema de meus olhos*. São Paulo, Companhia das Letras.



justificável: há cerca de três anos, houve furto de peças da Mapoteca. Algumas foram posteriormente recuperadas.

O Museu, que só pode ser visitado com hora marcada, contém peças que pertenciam ao próprio Barão do Rio Branco e doações

diversas, entre mobiliários, pinturas e outras peças. Uma das figuras mais destacadas da história do lugar, o Barão mudou-se para lá quando virou ministro e permaneceu até o momento da sua morte, em 1912. Foi ali que assinou importantes acordos internacionais e recebeu líderes de outros países.

A Mapoteca contém mapas geográficos, cartas náuticas, plantas e desenhos que cobrem todo o território nacional. Rotas marítimas da Europa até aqui, ocupações, os diversos caminhos de expansão por terra e a arte da cartografia podem ser descobertos nesse setor.

Com cerca de 6 milhões de documentos, o Arquivo Histórico cobre as relações diplomáticas do país, registra as atividades do MRE e preserva documentos de altos funcionários do governo dos períodos imperial e republicano, a documentação da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, acordos e tratados internacionais desde o século XIX.

Ah, importante dizer: os cisnes, brancos e negros, ainda nadam no lago do palácio... ■

O poetinha à casa torna

O trânsito entre os mundos da arte e da diplomacia eram vividos por Vinicius de Moraes sem grandes conflitos, como quem muda o tom de um violão. Formado em direito e compondo desde o final da década de 1920, ele já era conhecido entre artistas do Brasil e exterior quando tomou seu primeiro posto como diplomata em 1946. Vinicius foi nomeado vice-cônsul em Los Angeles, Califórnia, EUA, permanecendo entre os norte-americanos até 1951. Local perfeito para quem, como ele, amava o cinema. Nessa época, iniciou seus estudos com Orson Welles e Gregg Toland, abrindo ainda mais seu horizonte cultural e tornando-se o representante perfeito entre tantas celebridades.

Passou ainda pelo Uruguai e pela França – onde escreveu *Orfeu da Conceição*, em 1953, peça transformada em filme (com o nome de *Orfeu negro*) pelo diretor francês Marcel Camus, vencedor, em 1956, da Palma de Ouro em Cannes e Oscar de melhor filme estrangeiro. Em 1964, retornou ao Brasil e passou a escrever crônicas para a revista *Fatos e Fotos* e para o *Diário Carioca*. Tudo isso, claro, sem deixar nunca os versos de lado.

Os anos de chumbo atingiram Vinicius, que foi exonerado da carreira diplomática em 1969 pelo AI-5¹, injustiça que foi corrigida recentemente. Por iniciativa do embaixador Gerônimo Moscardo, em setembro o poeta foi reabilitado pelo Itamaraty, 26 anos depois de sua morte, com uma cerimônia para diplomatas, amigos e parentes. Na ocasião, foi inaugurada a Ala Vinicius de Moraes, na margem esquerda do lago do palácio, onde foi afixada uma placa em sua homenagem.

Outros diplomatas se dividiram entre as missões oficiais e as artes. Além de Vinicius, o escritor e poeta João Cabral de Melo Neto, que deixou obras como *Morte e vida severina*, o linguísta e filólogo Antônio Houaiss, deixando entre seu legado o dicionário da língua portuguesa que leva seu nome e a famosa tradução que fez de *Ulisses*, do irlandês James Joyce, e Guimarães Rosa, criador de *Grande sertão: veredas*.

Há ainda o poeta, ensaísta e africanólogo Alberto da Costa e Silva, hoje membro da Academia Brasileira de Letras.



Fonte inesgotável de idéias

O professor precisa ter acesso ao debate de educação ambiental em curso no país e nas cidades

O aumento progressivo de problemas ambientais como poluição, degradação de recursos hídricos, desmatamento e extinção de espécies impõe a necessidade de atores sociais qualificados para buscar soluções viáveis. Instrumento imprescindível nos dias de hoje, a educação ambiental possibilita uma percepção integrada do meio ambiente, articulando conhecimentos, valores, comportamentos e habilidades, com vistas a uma participação entendida como ação política e em prol da cidadania. O que se almeja é desencadear reflexões capazes de se transformarem em ações. A noção de cidadania ambiental enfatiza a compreensão da realidade socioambiental através da construção histórica e do resgate cultural das comunidades.

No Brasil, a Constituição federal e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) explicitam a obrigatoriedade da educação ambiental em todos os níveis. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) enfatizam a transversalidade do tema ambiental na escola e seu caráter interdisciplinar, reiterando propostas de tratados internacionais como a importância da compreensão das questões ambientais através da relação entre o global e o local; a prática da educação ambiental na escola através de projetos articulados ao currículo, não se estruturando como nova disciplina; e a necessidade de apreensão da complexidade socioambiental contemporânea através de recursos de diferentes campos do saber científico e não científico.

Por isso é importante que os professores tenham acesso a informações sobre o debate atual da educação ambiental, objetivando integrar a escola às ações de educadores ambientais do seu território. Apresentamos aqui algumas sugestões de fontes:

Órgão Gestor da PNEA – Os Ministérios da Educação e do Meio Ambiente atuam como gestores da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Alguns projetos são direcionados ao ensino formal. No Rio de Janeiro, várias escolas municipais participaram

das ações, notadamente o programa Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas, que envolveu atividades relacionadas às I e II Conferências de Meio Ambiente na Escola e à construção de Agendas 21 escolares. O órgão gestor edita materiais teórico-metodológicos que estão disponíveis para *download*.

Redes de Educação Ambiental – Foram criadas no contexto da Rio-92 e são espaços de informação, articulação, e capacitação de educadores ambientais. No âmbito da Rede Brasileira de Educação Ambiental, várias redes (estaduais, regionais, locais) interagem, compartilhando saberes e propondo ações. No Rio de Janeiro temos atuantes: a Rede de Educação Ambiental do Rio de Janeiro; o Elo Rio de Janeiro da Rede de Centros de Educação Ambiental; e a Rede de Educadores Ambientais da Baixada de Jacarepaguá.

Agendas 21 locais e escolares – O diálogo entre as propostas da educação ambiental e das Agendas 21 locais e escolares tem sido bastante rico. Educadores ambientais têm se engajado na construção de Agendas 21 e, no caso do Rio de Janeiro, integram os comitês das cinco áreas de planejamento da cidade.

O Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais tem um GT de educação ambiental que passa por reestruturação e é importante canal de discussão entre as escolas e os movimentos sociais e organizações não governamentais

Alguns temas obtêm destaque na comunidade de educadores, seja por sua relevância em termos globais, seja por sua importância nos contextos locais: a gestão dos recursos hídricos e a capacitação de atores sociais para os comitês de bacias; as ações individuais e coletivas para o consumo sustentável; a biodiversidade e suas relações com a qualidade de vida; a construção de Agendas 21; as mudanças climáticas (tema da próxima CHAVE do Programa Século XX1) e as alternativas locais para a minimização de seus impactos. ■

TEXTO

JACQUELINE GUERREIRO,
PROFESSORA DA E. M. M.
CANROBERT DA COSTA E
EDUCADORA AMBIENTAL

SAIBA MAIS

Links

Ministério da Educação
www.mec.gov.br

Ministério do Meio Ambiente
www.mma.gov.br

Comissão Organizadora
Estadual do Rio de Janeiro
coe_rj@yahoo.com.br

Rede de Educação Ambiental
www.rebea.org.br

Rede de Educação Ambiental
do Rio de Janeiro
www.rearj@grupos.com.br

Elo Rio de Janeiro da Rede de
Centros de Educação
Ambiental
neadist@terra.com.br

Rede de Educadores
Ambientais da Baixada de
Jacarepaguá
redeea_jpg@yahoo.com.br

Agenda 21
forum21@pcrj.rj.gov.br
geema_rj@terra.com.br
agenda21local_rj@yahoo.com.br
[grupos.com.br](http://www.grupos.com.br)

Fórum Brasileiro de Ongs e
Movimentos Sociais
www.fboms.org.br

Sinal verde para a educação

Departamento da CET-Rio promove campanhas pela prevenção de acidentes de trânsito na cidade

TEXTO
RENATA PETROCELLI
FOTOS
DIVULGAÇÃO

Imagine a seguinte cena: em uma casa noturna, jovens se divertem ao som dos *hits* da moda. O ambiente é conhecido – música alta, luzes estroboscópicas, bebida e muita “azaração”. Mas, de repente, percebe-se um silêncio, as luzes se acendem e um grupo de atores começa a encenar situações bastante comuns para quem ainda tem coragem de misturar álcool e direção. Os olhos perdidos, a cabeça rodando, o carro em ziguezague e a dificuldade de concentração estão lá, entremeados por muito humor. Inusitado? Pois a surpresa é justamente a principal arma utilizada pelo Centro de Educação para o Trânsito, da CET-Rio, nas campanhas pela prevenção de acidentes. Para convencer jovens motoristas a deixarem o carro em casa quando pretenderem beber, a equipe dirigida por Flora Har-Zahav vai a bares, boates e casas noturnas levando uma mensagem de cautela, segurança e respeito pela vida.

Teatro Odisséia, na Lapa, e do Baixo Gávea, além de estudantes da Universidade Simonsen, da Faculdade São José e da Faculdade Moacir Bastos, entre outros. Depois da surpresa e dos risos provocados pela apresentação, o grupo distribui folhetos educativos sobre as medidas de segurança no trânsito. “É um trabalho voltado especialmente aos jovens motoristas, que dirigem há pouco tempo, muitas vezes não habilitados, param nos postos de gasolina, bebem, vão para a *balada* e correm o risco de sofrer acidentes com conseqüências gravíssimas, às vezes até a morte”, explica Flora, diretora do Centro de Educação para o Trânsito.

Foi a mistura de álcool, direção e alta velocidade que vitimou cinco jovens em setembro, em um acidente na Lagoa Rodrigo de Freitas. A tragédia motivou um grande debate em torno da educação para o trânsito, ocupando espaço nos principais jornais do país. Flora ressalta que, embora jovens e adultos se arrisquem todo final de semana ao dirigirem alcoolizados e pequenos acidentes ocorram com bastante frequência, são tristes acontecimentos como este que põem em pauta a necessidade de conscientização dos motoristas. As estatísticas mostram, por exemplo, que o número de acidentes na cidade do Rio de Janeiro é bem maior às sextas-feiras, sábados e domingos. Mas só se fala nisso diante de um acidente de grandes proporções, como este na Lagoa. “O fato de este acidente ter mobilizado tanto a opinião pública tem nos dado mais oportunidade, por exemplo, de entrar nas casas noturnas. Geralmente os proprietários não têm interesse neste tipo de trabalho, mas estão abrindo espaço para nós”, avalia Flora.



O grupo de atores usa o humor para mostrar nas ruas que álcool e direção não combinam

O trabalho também é realizado em outros locais que concentram jovens e adolescentes, como universidades e centros de ensino. Já assistiram ao esquete “Álcool e direção” frequentadores da Casa da Matriz, em Botafogo, do

Nunca é cedo para aprender – Fazer campanhas específicas sobre a mistura de álcool e direção é apenas uma das atividades do Centro de Educação para o Trânsito. Na verdade, a formação de um motorista consciente começa na infância. Por isso, ao longo de todo o ano, a equipe trabalha em parceria com a Secretaria Muni-

pal de Educação, visitando as escolas com palestras e apresentações do grupo de mímica¹. Tudo começa na sala de aula, quando Flora e Luiz Carlos Alves de Pontes, membro de sua equipe, conversam com as crianças. Mas quem faz sucesso mesmo são os operadores de trânsito, que comparecem uniformizados. “Eles são jovens, vão com aqueles coletes, é diferente, né?”, comenta Flora. O trabalho continua no pátio, com o grupo de mímica, e termina nos arredores da escola, quando os operadores levam as crianças para uma faixa de trânsito e dão orientações sobre a segurança do pedestre.

O foco da abordagem nas escolas é em situações que os alunos já vivenciam. Por isso a segurança do pedestre é privilegiada. Flora explica que falar sobre os cuidados na direção não é intenção do programa, pela distância em relação à realidade das crianças. O discurso garante a conscientização para o respeito mútuo, o respeito à sinalização, a importância do cinto de segurança e a obrigatoriedade da condução de crianças no banco traseiro. “Não adianta fazer jogos com sinalização de trânsito. No dia em que forem se habilitar, eles terão de aprender isso. Nesta fase, o mais importante é a noção de cuidado, a necessidade de se usar a cidade com segurança. As crianças são pessoas que utilizam a cidade, que se locomovem no espaço, e têm de fazer isso com segurança”, opina a diretora do Centro de Educação para o Trânsito.

A opção por não abordar o papel do motorista nas escolas não significa, no entanto, que as crianças não possam aprender desde cedo o que é certo ou errado na condução. Elas aprendem sim. E o exemplo dos pais é o principal professor. “Os pais têm de ser motoristas com um comportamento adequado em relação à segurança, têm de respeitar a sinalização, ser solícitos, gentis. Se a criança vê que o pai estaciona em cima da calçada e não obedece a sinalização, tudo o que fazemos não surte efeito, porque são dois discursos antagônicos”, argumenta Flora.

¹Se a sua escola está localizada em área de risco para acidentes, se há travessias perigosas nos arredores ou as crianças simplesmente necessitam de orientação sobre o trânsito, você pode solicitar a presença da equipe do Centro de Educação para o Trânsito. Basta falar com a sua Coordenadoria Regional de Educação, que intermediará o contato com a equipe.

Conscientização permanente – Tentar despertar a consciência e a responsabilidade pela própria segurança é o melhor caminho para educar para o trânsito. Como ressalta Flora, não é por desconhecimento que os motoristas erram. Todos sabem que não se pode dirigir alcoolizado, que é proibido avançar os sinais vermelhos e ultrapassar os limites de velocidade estabelecidos por lei. Mas os motoristas seguem ignorando o bom senso e burlando todas as regras. Impactados por um acidente de grandes proporções, clamam por fiscalização, mas no dia-a-dia reclamam ao se deparar com um novo redutor de velocidade ou ao receber uma multa por excesso de velocidade ou outro tipo de infração. “Existe uma estatística que diz que 10% dos motoristas são infratores contumazes. O que fazer com eles? Fiscalizar e multar é um caminho. Mas, culturalmente, temos a tendência a achar que receber uma multa é ser lesado ou extorquido”, comenta a diretora.



A pais e professores cabe dar o exemplo e promover a conscientização dos motoristas do futuro. Flora ressalta que as ações do Centro de Educação para o Trânsito devem ser complementadas pelo trabalho do professor em sala de aula. Nas escolas visitadas, os professores recebem um vídeo com um desenho animado em que duas crianças da cidade ensinam a um colega do interior os cuidados necessários com o trânsito, uma revistinha com exercícios de fixação para as crianças e apostilas com sugestões de atividades em sala de aula. O assunto é sério e deve ser abordado diariamente, sempre que possível. “O ideal é que o professor trabalhe sempre que aparecer uma oportunidade. Pode ser na aula de língua portuguesa, de matemática, geometria ou história. É preciso tratar do tema o maior número de vezes possível, em diversos eventos na escola”, orienta Flora. ■

Reconstruindo jogos e brincadeiras cooperativamente

Temos conhecimento e consciência de que a valorização do conhecimento histórico, social e afetivo trazido pelo aluno é extremamente importante para o seu desenvolvimento, sua formação e sua vida escolar.

Apesar dessa consciência, ainda encontramos uma boa parte de professores considerando sua experiência e seus conhecimentos (determinados pelos currículos ou por suas convicções pessoais) como os primeiros, os mais importantes e os mais relevantes da relação ensinar-aprender-conviver.

Vemos essa atitude ou procedimento como desconsideração e negação à participação e ao envolvimento dos alunos em um processo que lhes deveria conferir todo o respeito. Essa conduta revela uma das primeiras e mais sutis formas de exercermos o autoritarismo e a discriminação de muitos alunos.

Indo além da crítica (que muitos professores dirão ser exagerada e superdimensionada), apresentamos nossa sugestão de construir e reconstruir jogos e brincadeiras cooperativamente como uma estratégia possível e realizável em nossas escolas. Estratégia inicialmente utilizada como parte da metodologia de um trabalho de mestrado, mas que vem sendo incorporada e utilizada em minhas aulas como professor da Rede.

Antes de abordarmos especificamente essa estratégia, é necessário falarmos de uma proposta que vem ganhando espaço na educação e na educação física e que tem estimulado muito essas reflexões aqui trazidas: os jogos cooperativos.

De acordo com Terry Orlick, seu principal pesquisador, os jogos cooperativos não são uma invenção moderna. Sua essência é identificada há milhares de anos, nas comunidades tribais, para celebrar a vida e transmitir valores éticos e morais voltados à vida em coletividade. Podem significar uma forma de jogar e conviver com mais oportunidades, sem violações físicas ou psicológicas.

Os jogos cooperativos são atividades baseadas fundamentalmente na aceitação, no envolvimento e na diversão, procurando sempre reverter características de exclusão, seletivi-

dade, agressividade e exacerbação da competitividade. Têm como um dos principais objetivos criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e a interação cooperativa prazerosa.

Com esses princípios incorporados, passamos a ver que, com jogos cooperativos, muitas práticas e procedimentos adotados em aula poderiam ser tratados de forma mais integradora e facilitadora das relações aluno-professor-vida-conhecimento.

Embora tenhamos a noção das diversas possibilidades e perspectivas para o trabalho com jogos cooperativos, escolhemos reconstruir as brincadeiras e jogos das crianças, por entender, como João Batista Freire, que a especialidade da criança é brincar. Portanto, se pretendemos estabelecer um diálogo com as crianças por meio do jogo, é melhor deixá-las falar primeiro.

Para iniciar essas reconstruções, podemos nos apropriar das seguintes categorias dos jogos cooperativos:

- **jogos cooperativos sem perdedores:** são os considerados plenamente cooperativos, porque o jogo só é “vencido” ou terminado quando todos os participantes conseguem alcançar o objetivo final do jogo;
- **jogos cooperativos de resultado coletivo:** existe a divisão em equipes, mas tentam romper a tradição de jogar uma contra a outra, dependendo o resultado final do esforço e da participação coletiva dos dois times integrados;
- **jogos cooperativos de inversão:** visam dificultar o reconhecimento de vencedores e perdedores com constantes trocas de resultados, de jogadores ou de ambos, mudando o jogador de time após a marcação de um ponto ou gol; marcando (ou doando) o ponto para o time “adversário” etc.;
- **jogos semicooperativos:** visam evitar que alunos “menos habilidosos” não participem do jogo, introduzindo regras que incentivem a participação efetiva de todos os integrantes e estimulem a cooperação dentro da mesma equipe.



Marcos Miranda Correia

professor de educação física na E. M. Augusto Cony; mestre em educação com especialização em educação física escolar e psicopedagogia; autor do livro *Trabalhando com jogos cooperativos: em busca de novos paradigmas na educação física*, publicado pela Editora Papirus.)



MARCELO SALERNO

Ao resgatarmos e reconstruirmos as brincadeiras dos alunos, aplicando os princípios dos jogos cooperativos, colocamos o professor em condição de igualdade e abrimos um importante caminho para o diálogo, o aprendizado recíproco e a formação de relações convergentes entre os envolvidos no processo de formação do aluno e da turma.

Essa estratégia revela-se coerente com os projetos educacionais fundados em valores e princípios de democratização, solidariedade, igualdade, justiça, liberdade, pluralidade e cooperação. Normalmente, na escola, as crianças só integram as atividades escolares no momento da execução e dificilmente participam das escolhas e decisões. Indagando as crianças e resgatando suas brincadeiras, possibilitam-se a participação e o envolvimento delas no planejamento e cria-se um ambiente fértil para a formação de cidadãos críticos e participativos.

A seguir, exemplificamos nossa estratégia com algumas atividades muito conhecidas e realizadas pelos alunos do ensino fundamental.

No jogo Vivo-Morto, com a simples alteração de não retirar o aluno que errar ao comando, consegue-se manter todo o grupo junto e sem desmotivar a atividade. Aquele que errou pode continuar brincando normalmente ou, então, ficar “congelado” até que outro participante congele-se para salvar o colega. O principal objetivo dessa atividade é desenvolver a

capacidade de concentração e atenção aos estímulos auditivos, portanto não há necessidade de retirar os alunos.

Outro jogo tradicional é a Bandeirinha. Para este, pode-se recorrer à categoria de inversão. Quem for colado passa a jogar no time adversário. Com isso, os jogadores trocam constantemente de time e confundem-se as formações iniciais, dificultando a identificação dos vencedores ou perdedores; no final da partida, quase todos jogaram nos dois times.

No Queimado, com o princípio da inversão, quem for queimado passa para o outro time, deixando a bola para ser jogada por outro do time. Podemos também pedir que todos peguem na bola antes do arremesso.

Pode-se também fazer o futebol “de par” ou “casal”, em que os jogadores são obrigados a jogar de mãos dadas e aplicar a categoria da inversão.

Com essas modificações, certamente, aparecem muitos conflitos, mas são esses que abrem importantes canais de diálogo.

Em síntese, ao resgatarmos as brincadeiras das crianças e utilizá-las como um conteúdo importante nas aulas, os alunos vêem-se respeitados e valorizam a auto-estima. Qualquer proposta pedagógica intitulada cooperativa, democrática ou participativa, seja na educação física ou em qualquer disciplina, deve começar respeitando os educandos e sua cultura, sem superioridade e autoritarismo. ■

Uma experiência enriquecedora

Crianças do Programa Alunos Residentes aprendem na MULTIRIO como se faz TV e animação

Nos dias 3, 4 e 5 de outubro, a MULTIRIO recebeu a visita de alunos do Programa Alunos Residentes (PAR). Meninos e meninas tiveram a oportunidade de conhecer como são produzidos os programas de TV e entender como funciona uma empresa de mídia. A visita foi resultado de um encontro promovido em julho pelo Departamento Geral de Educação (E-DGED/Programas Sociais) da Secretaria Municipal de Educação (SME) e desenvolvido pela Assessoria de Integração da MULTIRIO, que discutiu o que representa hoje a programação de TV na sociedade e a influência da publicidade no público infanto-juvenil. O encontro também teve o objetivo de contribuir com subsídios para a formação de uma consciência crítica em relação à mídia, o que é valioso para os pais sociais e professores responsáveis orientarem as crianças em relação à programação a que assistem na TV.

O PAR foi criado pela SME para atender a crianças e adolescentes em situação de risco social, através de um conjunto de ações realizadas na escola. Funcionários do município, com seus cônjuges, os chamados pais sociais, abrigam grupos de 12 alunos em residências especialmente construídas dentro de 32 cieps da cidade. Um dos grandes méritos do programa é criar condições para que estes jovens possam ter frequência constante na escola, contribuindo desta forma para a queda da evasão escolar.

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Nas visitas, as crianças conheceram um pouco da produção da MULTIRIO e se encantaram com as animações *O boto*, da série *Juro Que Vi*; *O Mendigo sortudo*, da série *Cartas Animadas Pela Paz*; e o episódio *Futebol* da série *Atletas do Rio*. Elas também participaram de uma oficina sobre brinquedos óticos com profissionais da MULTIRIO e aprenderam a técnica de *foliscope*, que ensina fundamentos da animação. Na TV as crianças conheceram o estúdio e os locais de produção do programa *Rio, a Cidade!*.

Mundo de novidades – Os pequenos visitantes adoraram a experiência e vibraram com as novidades. “Gostei muito de aprender a fazer animação. Vou repetir o que aprendi lá em casa para mostrar para os amigos”, conta Talissa Rocha Moreira, aluna-residente do Ciep Nação Rubro-Negra, no Leblon. O irmão de Talissa, Tales Felipe, também achou muito fácil e divertido fazer animação e teve uma surpresa quando visitou os estúdios de TV: “Achei muito legal conhecer como é feito um programa de televisão. Não sabia que precisava de tanta gente trabalhando para ele ficar pronto”, disse, registrando a novidade.

A mãe social da Nação Rubro-Negra, Eliane Souza da Silva, considerou a visita enriquecedora para os meninos. “É muito bom eles aprenderem coisas novas. Assistir a um programa pela televisão é uma coisa, conhecer como tudo é feito é outra completamente diferente. Dá uma motivação muito grande para estudar, aprender e buscar o conhecimento”.

A assessora de Integração da MULTIRIO, Irinéa Simone Tourinho, concorda que conhecer os produtos de TV da empresa e conferir como é feita a sua produção é uma experiência e tanto para os alunos. “Eles estão inseridos no mundo da mídia. Acompanhando a produção dos programas, eles conseguem ver a mídia como construção e isso pode ajudá-los a desenvolver um olhar crítico em relação ao que se vê na tela e contribuir para que não permaneçam como meros telespectadores passivos”, finaliza. ■



Durante a visita à MULTIRIO, os alunos do PAR apresentam suas próprias produções

Território livre do saber

Páginas oficiais na internet permitem baixar versões integrais de obras consagradas a custo zero

Para os professores que quiserem encontrar obras literárias, artísticas e científicas em domínio público ou autorizadas por seus autores, aqui vai uma dica sobre onde procurá-las. Desde novembro de 2004, o Ministério da Educação disponibiliza um endereço que pode servir de referência a pesquisas: www.dominiopublico.gov.br. Além desta, há outras páginas que podem servir como importantes fontes de pesquisa para os educadores, com material disponível para impressão e sem qualquer restrição pela Lei de Direitos Autorais.

Quando a página foi criada, o acervo incluía 500 obras, entre textos, imagens, obras musicais e vídeos. Hoje esse número ultrapassa 24 mil. São obras de artistas brasileiros e estrangeiros. É possível reproduzi-las sem qualquer restrição porque grande parte está em domínio público, o que significa já ter expirado seu prazo de proteção autoral, cuja validade é de 70 anos após a morte do autor. Outras produções foram autorizadas por seus criadores.

Entre as opções de textos estão a *Carta de Pero Vaz Caminha*, os livros *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *Ensino de desenho*, de Lúcio Costa. Além de clássicos como *A divina comédia*, de Dante Alighieri; *A megera domada*, de Shakespeare; *Do contrato social*, de Jean-Jacques Rousseau e *Arte poética*, de Aristóteles.

Quem quiser imprimir ou guardar imagens famosas pode encontrar uma reprodução dos quadros *A última ceia*, de Leonardo da Vinci, e *O nascimento de Vênus*, de Boticelli, ou ainda fotografias históricas do Brasil registradas por Marc Ferrez (1843-1923), como as do Jardim Botânico, da Estação Central da antiga Estrada de Ferro D. Pedro II ou ainda, do Viaduto Silvestre da Estrada de Ferro do Corcovado.

No item Som, é possível encontrar gravações dos hinos *Nacional Brasileiro*, da *Independência*, assim como da *Sinfonia n° 5*, de Beethoven; da *Ave Maria*, de Schubert, ou da *Jesus, alegria dos homens*, de Bach. No acervo audiovisual há imagens tão diversas como a de um teste atômico na Ilha de Bikini e a da exposição *Portinari, 100 anos: alegorias do Brasil*, entre outras.

No próprio site, há um espaço que aceita colaborações voluntárias do usuário, que vão desde digitalização de obras já em domínio público a cessão de direitos de autor ou de parceria, passando por tradução de textos em domínio público.

O site da Funarte também disponibiliza músicas em domínio público para *download*, ou mediante autorização. O internauta pode acessá-las em www.funarte.gov.br/canalfunarte. É possível encontrar raridades como *Prazer em conhecê-lo*, de Noel Rosa, e *Brasil pandeiro*, com Assis Valente e Paulo Moura. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

SAIBA MAIS

Para entender mais sobre Creative Commons, basta acessar a página do Riomídia no portal da MULTIRIO (www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia). Lá está a entrevista com o diretor de Tecnologia e Sociedade da Escola de Direito da FGV, Ronaldo Lemos.

Nem todos os direitos reservados

Criado em 2001, o Creative Commons é uma iniciativa que permite aos detentores de direitos autorais oferecer alguns de seus direitos ao público e manter outros protegidos através de um sistema de licenças e contratos. Isso pode incluir licenças de domínio público ou de conteúdo aberto. Assim, os criadores encontram uma forma de proteger suas obras e encorajam alguns de seus usos. No lugar da declaração de "Todos os direitos reservados" entra a de "Alguns direitos reservados", apenas.

O Creative Commons quer promover um meio-termo entre a visão de controle total de uma obra (em que toda utilização é regulada) e a de anarquia, segundo a qual criadores ficam sujeitos a exploração. Segundo o site do grupo, o objetivo dessas

ações é recuperar o "equilíbrio, compromisso e moderação – que já foram as forças motrizes de um sistema de direitos autorais que valorizava igualmente a inovação e a proteção [dos direitos]" e que se tornaram "espécies em extinção".

A primeira proposta de licenças do Creative Commons foi publicada em dezembro de 2002. Embora não incluam *softwares*, as licenças do grupo são concedidas a outros tipos de trabalhos de criação como *websites*, música, filme, fotografia e literatura. A organização almeja aumentar a quantidade de conteúdo bruto on line e tornar o acesso a esse material mais fácil e barato. Atualmente, mais de 30 países são detentores de licenças do Creative Commons adaptadas às legislações locais. (FÁBIO ARANHA)

Diversidade dentro de sala

“É importante avaliarmos se o que propomos atende às necessidades educacionais de cada aluno”



Dentre os desafios enfrentados por nós, professores, no cotidiano da sala de aula, na busca de respostas sobre como oportunizar aprendizagens para as crianças/jovens sob nossa responsabilidade, está a questão do trabalho diversificado.

A proposta deste texto é introduzir o assunto, convidando os professores à reflexão sobre qual seria a base para a organização de um trabalho pedagógico que permita a utilização de práticas que atendam às necessidades educacionais dos alunos presentes em nossas salas de aula, respeitando-se, desse modo, a diversidade.

Considerando que geralmente em nossa prática pedagógica a atenção está voltada ao desenvolvimento de atividades comuns e unificadas, é importante avaliarmos se o que propomos atende às necessidades educacionais de cada aluno. Precisamos criar condições para organizar atividades diversificadas que possam ser realizadas em pequenos grupos, buscando propiciar a todos os alunos as aprendizagens que se fazem necessárias.

Para isso, é necessário que observemos algumas atitudes essenciais que viabilizam o trabalho com grupos e que nos parecem tão comuns, como defender o próprio ponto de vista, ouvir e aceitar a opinião dos outros, esperar a vez, cuidar do que é comum, partilhar o material e colaborar com a organização e limpeza dos espaços. Respeitar o espaço

e a fala do outro tornam-se atitudes fundamentais à realização de uma proposta de trabalho diversificado.

Alguns alunos podem não ter a “vivência real” dessas ações no seu cotidiano nem as perceber muitas vezes como necessárias às interações sociais. Para que as reconheçam serão imprescindíveis o ensino e a vivência. Assim, para que o trabalho diversificado possa acontecer, não basta o professor ter clareza quanto ao conteúdo a ensinar ou quanto ao oferecimento de atividades diferenciadas e alunos organizados em grupos. Mais do que isso, é preciso que os alunos desenvolvam o hábito de se ouvirem, se respeitarem, se perceberem com a possibilidade de compartilhar conhecimentos. E isso é algo que também se ensina. É um processo que se inicia desde que o aluno chega à escola.

Uma turma é de certa forma uma micro-sociedade. Nela encontramos muito do que pulsa na vida social: individualismo, cooperação, carinho, agressão, solidariedade, tolerância, intolerância, parceria etc. Isso ratifica o espaço escolar como grande área de circulação de saberes e valores. Nele aprende-se muito. Não apenas aquilo que nós, professores, julgamos ensinar. Aprendizagens são fruto das interações sociais, não se efetivando apenas pelo que proporcionamos aos alunos, mas a partir das diferentes trocas que se estabelecem nos espaços por onde o aluno passa, com todos os valores e conhecimentos que por ali circulam. ▶

TEXTO

ANA CRISTINA CORREA
FERNANDES, ANDREA
FILIPECKII, MARIA ALICE
OLIVEIRA DA SILVA E LENY
CORRÊA DATRINO, DO
DEPARTAMENTO GERAL DE
EDUCAÇÃO DA SME

ILUSTRAÇÃO

DAVID MACEDO
SOBRE FOTOS DE
ALBERTO JACOB FILHO

É na interação entre e com os alunos que definimos quais atitudes devem ser valorizadas e quais precisam ser pensadas para ser transformadas pelo grupo; que formas de relações são bem aceitas em um determinado grupo social e as que não o são. Tudo isso será vivenciado no processo de sala de aula e influenciará a proposta de trabalho diversificado para a turma. Portanto, eis um grande desafio a ser superado: trabalhar individualmente ou em grupos, para atender às necessidades dos alunos, utilizando atividades diferenciadas em um mesmo espaço: a sala de aula.

Cabe ao professor ter clareza sobre os conhecimentos prévios dos alunos para planejar as tarefas que irá propor, de forma que:

- estejam relacionadas às práticas culturais dos alunos e, portanto, tenham significado social;
- seja percebido e valorizado o que cada aluno pensa sobre o conteúdo que se quer ensinar;
- os alunos compreendam e dialoguem sobre os problemas a resolver e as decisões a tomar;
- se valorizem a presença e a participação do outro.

Nessa perspectiva, construímos a idéia de que o poder de ação também precisa ser diversificado na turma, pois em geral é totalmente concentrado na figura do professor. E mais: que a adoção de novas práticas na rotina dos alunos é condição para que eles entendam que também podem ensinar, questionar e orientar os colegas.

Um bom exemplo é o trabalho de monitoramento, em que os alunos mais experientes podem oferecer ajuda aos menos experientes, orientando-os e auxiliando-os na execução de suas tarefas.

Reportemo-nos a uma sala de aula em que os alunos estejam sendo alfabetizados. Haverá grupos de alunos em diferentes momentos nesse processo: alunos que ainda não conseguem fazer o espaçamento adequado entre as palavras; alunos que transpõem rigorosamente para a escrita o modo como falam; alunos com uma escrita basicamente fonética; e alunos que já se apropriaram da leitura e da escrita de forma satisfatória. São estes últimos os que poderão atuar como monitores – divididos pelos grupos com suas respectivas dificuldades e executando ações diferenciadas, conforme a demanda de cada um e as orientações do professor.

Na verdade, o cotidiano vivido dá a nós, professores, algumas pistas sobre as aprendizagens de nossos alunos e nos aponta que diversificar é necessário. Mas diversificar para quê?

Talvez porque não haja material suficiente para a turma toda, ou porque queremos que os alunos vivenciem o exercício da autonomia na escolha do que fazer, ou ainda para atender à necessidade de aprendizagens diferenciadas. Vários podem ser os objetivos do professor ao se utilizar do trabalho diversificado em sala de aula.

Vivemos uma falsa crença, durante longo tempo, de que um único caminho daria conta das aprendizagens dos diferentes sujeitos em sala de aula. Com essa prática, deixamos diversos alunos fora da experiência prazerosa do aprender, ignorando a sua diferença. Incapazes, assim, de realizar certas atividades que propomos, eles vão constituindo o grupo dos desinteressados, dos dispersos, dos que não aprendem!

Sabemos que muitos alunos não têm as mesmas oportunidades de acesso a certos objetos do conhecimento que fazem parte da cultura escolar. Isso poderá interferir na forma como cada um deles significa os objetos do conhecimento, contribuindo, assim, para os chamados ritmos diferentes de aprendizagem. É necessário que o professor esteja atento para não rotular alguns alunos como mais lentos que outros, estigmatizando os que estão iniciando a interação com diferentes objetos de conhecimento, como a escrita.

Compreender essa dinâmica torna-se decisivo quando optamos por respeitar as singularidades dos alunos. E na prática, como fica? Seriam necessários 30 planejamentos diferentes? Como se planeja diversificadamente a partir de um material detonador, tomando-se como exemplo um texto com crianças que sabem e não sabem ler?

Acreditamos que aceitando a diferença já estaremos no caminho para o enfrentamento desta questão, percebendo que a tão sonhada turma homogênea não existe! As formas de efetivar uma proposta diferenciada em sala são muitas e necessárias. A reflexão sobre os melhores modos de desenvolvê-la deve ocorrer sistematicamente no interior das escolas, em busca de saídas coletivas para atender adequadamente a cada grupo de alunos. ■



A prata dessa casa vale ouro

Refletir sobre a ludicidade e os modos pelos quais ela se faz presente nas práticas escolares exige um olhar apurado sobre as relações de professores e alunos em pelo menos duas vertentes interligadas. Uma delas é a vivência da ludicidade através de brinquedos, brincadeiras, jogos e de situações instigantes e desafiadoras. A outra, diretamente atrelada à primeira, é o desempenho escolar de professores e alunos que participam e desfrutam dessas vivências lúdicas e interdisciplinares na escola. Ou seja, deve ser uma meta educativa conhecer de que modo os aspectos lúdicos tornam a vida escolar mais feliz e provocadora, mais atendida com seu tempo e, assim, mais competente e proveitosa para todos.

TEXTO

MARIA INÊS DELORME

COLABOROU

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Ludicidade e sucesso escolar deveriam valer como binômio. E muitas vezes valem. Quando ludicidade, currículo e sucesso se misturam, seguramente houve antes uma intenção pedagógica de legitimar práticas lúdicas extra-escolares dos alunos. A maioria dessas práticas está vinculada às novas tecnologias, como televisão, computadores e internet, telefones celulares, *discmans*, *iPods* etc. E elas contribuem interdisciplinarmente para a constituição de conceitos, conteúdos e valores. Brincadeiras eletrônicas divertem e desafiam adeptos de todas as idades, integrando diferentes áreas do conhecimento, e convidam professores e responsáveis a abrir discussão sobre o papel da escola diante das novas formas de ensinar e aprender.

Neste viés, ao olhar a prata da casa carioca, composta por professores e alunos da Rede, destacam-se inúmeras experiências ricas, ousadas e bem-sucedidas, cuja dimensão lúdica, integrada a uma meta pedagógica, alavancou o esperado sucesso escolar de todos os envolvidos no processo. Considerando o tamanho da rede municipal, essa pequena e preciosa amostra de experiências é bem significativa e alimenta de esperança a vida, confirmando a máxima de que a prata dessa casa vale ouro.

São muitas as possibilidades de construir coletivamente o sucesso escolar, mas nenhuma circunstância deveria prescindir da ludicidade. Trabalhar considerando a dimensão lúdica da vida humana é uma via muito fértil para que se- ▶

¹A professora participou da Oficina de Animação Digital promovida pelo Programa Seculo XX1, MULTIRIO/SME.

jam minimizadas as fronteiras entre as diferentes ciências. Os desafios impostos pelos jogos e brincadeiras instigam o pensamento lógico, as diferentes formas de linguagem e de expressão, recorrendo sistematicamente à imaginação, à criatividade e à ousadia para as tentativas, experimentações e riscos que poderiam ser ameaçadores na vida real. A constituição de valores também se favorece das atividades lúdicas, que suscitam parcerias, elos de solidariedade entre agentes, para resolver conflitos em que o respeito mútuo, o prazer e até mesmo a atmosfera de competição colore a interação social.

A relação muitas vezes conflituosa entre alunos (e deles com o professor), que impacta diretamente o sucesso escolar, também pode se favorecer da ludicidade ao promover aproximações em situações de jogo, de brincadeira e até mesmo em momentos de crise e de impasse em que o humor apurado, a charge e o chiste podem suavizar dores individuais e coletivas. As diferentes experiências e histórias de vida de alunos e de seus professores podem ser os elos promotores de parcerias imprescindíveis que ajudam o deslocamento de lideranças, aproximam os diferentes, minimizam rivalidades e ao mesmo tempo garantem lugar à indispensável alteridade. É o que comprova a experiência da professora Solange Castellano¹, da Escola Municipal Telêmaco Gonçalves Maia, 6ª CRE.

A força da união – O primeiro passo para iniciar a desconstrução da história de insucesso dos 35 alunos da turma 510, quase todos com pelo menos um ano de repetência escolar, exigiu, segundo Solange, a adesão de outros do-

centes ao projeto. Ela conseguiu o apoio de professores, que se empenharam em tentar reverter o quadro de desinteresse pela escola, alto nível de agressividade, baixa frequência às aulas e elevado índice de reprovação.

“Um pequeno grupo vinha todos os dias às aulas”, recorda Solange, “mas grande parte deles, mesmo estando na escola, tentava sair”. Num esforço máximo para mantê-los em sala de aula, os professores chegaram até a cerrar as portas das salas usando cadeados. Entretanto, o desejo de aprender e transformar suas histórias de vida não estava nas aulas.

Com o grupo de professores convencido de que educar é promover mudanças, restou descobrir e legitimar os percursos dos desejos, dos interesses e do prazer desses alunos. Solange garante que nos dois últimos anos a alavanca responsável pela aproximação sócio-afetiva com seus alunos foi a descoberta que eles fizeram de que todos, indistintamente, sabiam muito mais sobre usos e possibilidades dos telefones celulares do que ela, a professora de língua portuguesa. E o primeiro movimento de união e de fortalecimento dos seus alunos foi a mobilização que fizeram para ajudar a professora a constituir aprendizagens novas.

Bastante popularizados, os telefones celulares fazem parte da vida de crianças e adolescentes, que parecem usá-los como novo tipo de brinquedo. Os aparelhos permitem aos jovens ampliar suas redes de contatos fazendo e recebendo ligações, trocando torpedos, tirando fotografias, além da diversão proporcionada pelos jogos. Superando todos os seus comprovados usos e funções, os celulares funcionam como passaporte para a inclusão dos usuários na sociedade atual, devido a sua forte representação simbólica no universo jovem.

Esses aspectos simbólicos que envolvem a ludicidade representam sua característica mais expressiva, na medida em que garantem a presença e importância dos aspectos lúdicos mesmo em situações que não tenham em si estruturas de brincadeiras. Isso significa dizer que a ludicidade se sustenta, explica e é explicada em função do seu caráter simbólico, que se compõe de significados. Assim, contar e ouvir histórias, participar de relatos reais e ficcionais, imaginar cenas e cenários são também atividades lúdicas

O projeto sobre brinquedos e brincadeiras mobilizou os alunos do Ciep Gregório Bezerra



preciosas para a constituição de significados, e estas podem ter como ponto de partida a leitura de livros, por exemplo.

O termo ludicidade, usado para definir uma dimensão da vida humana, parece estar totalmente integrado ao vocabulário de professores e dos estudiosos da infância, do desenvolvimento e da aprendizagem, mas ainda hoje o termo não faz parte de qualquer dos bons dicionários brasileiros. Em seu lugar há ludismo, como qualidade e caráter do que é lúdico, adjetivo que se refere ao que se faz mais por divertimento do que com qualquer outro fim. Assim, podem ser lúdicas certas atividades livres, jogos, brinquedos ou brincadeiras e até mesmo uma tarefa mais complexa ou trabalhosa, desde que feita mais por gosto que pelo dever de fazê-la, segundo a definição do *Dicionário Houaiss*.

Semelhanças e diferenças – Segundo Gilles Brougère, em sua obra *Brinquedo e cultura*, brinquedo se caracteriza essencialmente por ser uma imagem em um objeto e em um volume, ou seja, é um objeto específico em três dimensões que tem uma função muito vaga, difusa e não aprisionada ao próprio objeto. Todo brinquedo é parte de um sistema social, de uma determinada cultura que lhe atribui determinada razão de ser. Os brinquedos, em geral, remetem a elementos legíveis do mundo real ou do imaginário das crianças. Muitas vezes, são desencadeadores instigantes de variadas brincadeiras que, como atividade lúdica, escapam-lhes e os excedem.

Com muito mais facilidade do que os adultos, as crianças em geral transformam palitos de sorvete usados em dinheiro, material de construção, ou ainda em instrumentos de escrita em chão de terra ou na areia da praia. E, se um ou mais palitos vão parar na água, podem virar barcos, pranchas de surfe, sobreviventes de um naufrágio. Crianças brincam com o corpo todo e com as idéias que vão surgindo na situação. Não é à toa que acaba sendo bem mais fácil para o adulto identificar atividades lúdicas quando essas tomam como ponto de partida o corpo ou se desenvolvem a partir dele.

No Ciep Gregório Bezerra, da 4ª CRE, um projeto sobre brinquedos e brincadeiras envolveu toda a comunidade escolar e favoreceu a aprendizagem de noções de companheirismo, respon-

sabilidade, disciplina e integração. O projeto “1, 2, 3... e já! Brincando também se aprende!” contribuiu para os alunos ampliarem aspectos relativos à leitura, à escrita e à organização de pensamento a partir do resgate e valorização de brinquedos e brincadeiras. Os alunos pesquisaram na internet antigos brinquedos e brincadeiras e descobriram como fazer os próprios brinquedos.

Foram realizadas gincanas com provas desafiadoras, como trazer o brinquedo mais antigo, ou descobrir como seus responsáveis e familiares brincavam na infância, e jogos, como corrida de velotrol e futebol em duplas. A diretora adjunta Eliane Mendes conta que coube aos alunos maiores ensinar aos menores como montar brinquedos durante as oficinas. Algumas experiências foram reveladoras, principalmente com os alunos de progressão, que se envolveram nas atividades pela oportunidade de mostrar o que sabiam aos outros.

Essa elevação expressiva da auto-estima dos alunos trouxe resultados surpreendentes, como o de um aluno de 10 anos da turma de progressão capitaneada pela professora Elenice de Araújo. O menino era agressivo, costumava brigar com os outros, mas se interessou tanto pelo projeto que passou a ajudar a construir brinquedos e adquiriu um grau de responsabilidade que nunca tivera antes. “Hoje ele quer me ajudar a tomar conta dos outros e até separa brigas”, elogia a professora.

Outra consequência importante foi a redução das faltas às aulas. Segundo a diretora adjunta, muitas crianças deixavam de ir à escola, mas com o desenvolvimento do trabalho passaram a ser mais presentes, além de terem melhorado muito a qualidade textual expressa na leitura e na escrita. “Os alunos vêem a escola como obrigação, e como o projeto envolvia brinquedos, brincadeiras e jogos, o conhecimento passou a fluir naturalmente. Eles estavam aprendendo sem perceber”, ressalta Eliane. As famílias ou os responsáveis pelos alunos também expressaram maior interesse pelo que estava acontecendo na escola e, assim, se aproximaram mais da vida escolar dos filhos. Ao serem convidados a refletir, resgatar e descrever suas experiências com brinquedos e brincadeiras também se sentiram valorizados pelos filhos e pela escola. ►

Brincadeiras e jogos – Todos esses depoimentos e estudos sobre as brincadeiras, portanto, não se justificam apenas em função da existência dos brinquedos. O brinquedo pode ser parte ou não da brincadeira, mas não tem força por si só para submeter a brincadeira como atividade essencialmente lúdica. Na brincadeira, ainda de acordo com Brougère, a criança é sempre um sujeito ativo em uma situação sem consequências imediatas, sem percursos ou desfechos previsíveis ou predeterminados, e portanto incerta quanto aos resultados.

Isso significa dizer que a brincadeira pode se utilizar ou não de brinquedos. São as pessoas que conferem significado ao brinquedo. Para reafirmar isso, basta verificar que mesmo diante de uma observação atenta do adulto nem sempre é possível definir com precisão uma ou mais funções para determinada brincadeira. Hoje, alguns estudiosos explicam que talvez tenha sido este um dos motivos de ela ter sido definida tradicionalmente como sendo algo gratuito e até mesmo fútil, que não pode ser enquadrada segundo critérios de utilidade, produtividade ou objetividade. Isso implica dizer que talvez aí resida sua maior riqueza e ao mesmo tempo seu relativo desprestígio por parte daqueles que acreditam ser possível enquadrar, projetar e medir a vida, a criatividade e a imaginação humanas apenas sob os designios da razão e do pensamento científico.

A situação de jogo, como uma variante da brincadeira igualmente lúdica, tem suas particularidades. Costuma-se denominar de jogo algo que é diferente do brinquedo. Os jogos de sociedade, de construção, de habilidades, de estratégias, segundo Brougère, além dos jogos eletrônicos ou de vídeo, pressupõem uma regra ou uma função como determinante para o interesse por ele e, assim, para seu uso.

Antes mesmo de ser usado, de ser jogado, há uma função clara, com regras que determinam seu uso. Só que nos jogos, nas palavras do autor, apesar de haver certa fusão entre o seu significado simbólico e sua função, a imagem e a referência simbólica costumam desaparecer sob a estrutura do jogo em si. Se o brinquedo é algo que a criança, o adolescente ou o adulto podem manipular livremente, sem estar condicionados a regras ou outros princípios, o mesmo não acon-

tece com os jogos. O jogo tem uma referência muito intensa com o mundo adulto, enquanto o brinquedo se refere, mais estritamente, à infância.

Brinquedos e animação – No Ciep Agostinho Neto, da 2ª CRE, a professora Amália Maria Matos de Araújo² trabalha tanto a construção de brinquedos quanto a criação de animações na sala de informática, duas coisas que despertam paixão em seus alunos. Ela percebe e explora pedagogicamente os limites e as possibilidades de cada um, mas a escolha por um viés lúdico transforma dificuldades em ricos recursos pedagógicos. “Eles ganham interesse, interagem mais e melhor e não ficam tão retraídos diante daqueles que estão avançando em ritmo mais rápido. Trabalhar com brinquedos e com animação faz com que eles se sintam todos capazes, cada um do seu jeito”, afirma Amália.

O resgate da história para a confecção de brinquedos tradicionais, seguido pela criação de brinquedos óticos e, neste ano, o trabalho com a animação vêm permitindo contemplar conceitos e conteúdos de modo agradável e cooperativo. Assim, eles se ajudam e sabem que ninguém é bom ou ruim em tudo. “Para a construção de um brinquedo em *origami*, é necessário uma habilidade motora que uma criança que é maravilhosa em conteúdo às vezes não tem; outra, que não é tão boa, senta ao lado dela e ensina. Com isso, ela começa a se ver de igual para igual com o outro. Numa situação ela ensina e, em outra, um colega é que a vai ajudar. Você trabalha e explora outras potencialidades delas (e valores como solidariedade, parceria), aumenta-lhes a auto-estima e assim elas passam a ter muito mais chance no resto do que tinham antes”, complementa a professora.

As alternativas encontradas por Amália tanto ajudam a fortalecer certas apostas quanto a desfazer alguns dos mitos que envolvem o sucesso escolar, como a necessidade de recursos materiais caros e inacessíveis, o trabalho com alunos em fases de aprendizagem muito diferenciadas dentro de uma mesma turma e a valorização excessiva do texto escrito sobre outros tipos de textos e de linguagens.

Com a animação, os alunos de Amália se tornam autores de uma linguagem onde até então

²A professora participou da Oficina de Animação Digital promovida pelo Programa Século XXI, MULTIRIO/SME.

só eram espectadores, consumidores. “Acho que isso muda a cabeça deles, além de ser uma linguagem extremamente próxima deles, de grande interesse”, acrescenta ela. As animações são criadas por caminhos muito variados. Às vezes partem de histórias lidas ou conhecidas, às vezes de um texto criado pelo grupo, e também podem partir de outras imagens que já tenham visto, de seus heróis da televisão e de personagens imaginários. Em todos os casos, a língua portuguesa é necessária à escrita dos roteiros, para a construção do personagem, criação e descrição de cenas, para desenvolver o que a animação inspira.

Os valores estão presentes o tempo todo, já que os alunos compartilham o banco de personagens e cenários criados pela turma, que podem ser combinados livremente, entrando e saindo de histórias com novos nomes, em outros contextos e tramas. Eles trabalham a oralidade, a escrita, a seqüência lógica, a fantasia, a co-autoria e a construção coletiva; a pesquisa histórica, a geografia, a matemática de modo interdisciplinar. Junto a isso, Amália faz uma ressalva sobre o cuidado que o professor deve ter para garantir os conhecimentos indispensáveis em cada série, para ver se cada aluno realmente avançou naquele ano.

Produção e consumo – Falta ressaltar ainda a relação direta existente entre os brinquedos oferecidos às crianças, as brincadeiras que a elas são ensinadas e valorizadas e os jogos disponíveis. Em casa ou na escola, os adultos sempre expressam os códigos que a sociedade estabelece para suas crianças e adolescentes. Até certa idade, os adultos oferecem-lhes brinquedos segundo suas expectativas e desejos de criança ideal e de suas intenções para com elas. Cada vez mais cedo, crianças e adolescentes desejam possuir objetos que poderiam ser chamados de “brinquedos” dos adultos contemporâneos bem-sucedidos financeiramente como *iPods*, celulares com *headphones*, motocicletas, automóveis, como sugere maciçamente a mídia, em especial a televisão.

Assim, produzir brinquedos não é uma atividade descolada das relações de produção e de consumo de certos bens e significados valorizados pela sociedade. Não é à toa que a in-



Através dos jogos, os professores promoveram a cooperação e a troca entre os alunos

dústria cultural vem pautando a produção de brinquedos infantis e de jogos para adolescentes e adultos cada vez mais com mais força. Além de reproduzir a realidade social, a indústria de brinquedos e de jogos reflete uma determinada imagem da realidade social, na maioria das vezes uma realidade mais idealizada do que efetivamente apresentada.

É uma tarefa complexa dimensionar os bônus cognitivos e intelectuais das brincadeiras e dos jogos, e talvez seja devido a isso que não é fácil fazer a defesa da sua importância na educação de crianças e jovens. Só muito recentemente os professores começaram a valorizar positivamente a brincadeira infantil e, com isso, a garantir espaços para ela, mas em geral dos sete aos 10 anos há um mecanismo social que tenta fazer com que a brincadeira dê lugar a uma vida mais séria, com novas responsabilidades que tangenciam o tipo de vida de grande parte do mundo adulto – viver sob a égide de uma agenda em que as tarefas se sucedem sem espaço para o ócio, o descanso, a contemplação e a diversão.

Esse contexto explica em parte por que as instituições escolares, apoiadas na valorização do pensamento científico e racional, até há algum tempo também caminharam no sentido inverso ao da valorização dos espaços de ludicidade, brincadeira e jogo. Mas esse resgate vem sendo feito gradativamente e de modo muito significativo, em especial, nas escolas cariocas.

Regras do jogo – A garantia da dimensão lúdica na vida escolar deve respeitar as diferentes histórias de vida, a faixa etária dos alunos, a etapa do ciclo ou a série, entre outros fatores. A importância da brincadeira e do jogo está direta- ▶

SAIBA MAIS

Solange Castellano, da Escola Municipal Telêmaco Gonçalves Maia, 6º CRE, trata também do projeto Torpedário: o Celular na Sala de Aula, no Almanaque, do site Século XXI (<http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>)

A professora Amália Maria Matos de Araújo, do Ciep Agostinho Neto, 2º CRE, fala do projeto de construção de brinquedos antigos a partir de material reciclável no site Século XXI, do portal da MULTIRIO, no Almanaque, "Com a mão na massa". Basta acessar <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>

mente relacionada a algumas de suas características, como a imprevisibilidade, certo espaço para o acaso – como um momento de liberdade de escolha, com a possibilidade de os alunos se vestirem de certos papéis que proporcionem novas vivências e a suspensão momentânea da realidade.

A brincadeira, portanto, pressupõe a possibilidade de praticar uma ação de modo diferente, permite produzir uma mutação de sentido graças a uma circunstância diferenciada e claramente estabelecida. E a regra do jogo ou da brincadeira só vale para aquela situação específica. E nesse momento tão específico e valioso, para Broguère, a brincadeira ou o jogo permitem aos alunos tentar, sem medo, certas confirmações do real, certas combinações de conduta que, sob a pressão em que vivem, não seriam possíveis.

O fato de haver um componente aberto resultante de certa dimensão aleatória das brincadeiras produz uma incerteza muito interessante. A complexidade das forças ali em jogo garante este lugar para o acaso e a indeterminação. Segundo Brougère, portanto, nisto consiste o fabuloso paradoxo da brincadeira como um espaço de aprendizagem cultural muitíssimo expressivo, valioso e ao mesmo tempo incerto.

Não é difícil, portanto, garantir espaço e importância para que os jogos e brincadeiras sejam promovidos dentro da escola como um processo de relações interindividuais que envolvem não só a cognição mas também as emoções, a curiosidade, as experiências vividas e imaginadas, as diferentes linguagens, valores como parceria e solidariedade. Ao mesmo tempo, professores precisam ter clareza do seu papel, não

Tenho motivos para chamar sua atenção

FERNANDO MOZART BAUMWORCEL*

Vivemos em uma sociedade prenhe de informação, conhecimento e consumo, na qual nossa atenção é avidamente disputada. As atrações da mídia empreendem uma intensa competição pelo interesse do consumidor potencial, utilizando recursos poderosos e diversificados para mobilizar sensações, corações e mentes. Estamos imersos num mundo que precisa chamar nossa atenção de qualquer maneira, o tempo todo, direcionando nosso olhar, envolvendo-nos, persuadindo-nos. E faz isso, cada vez mais, com apelo à ludicidade. As linguagens midiáticas (com destaque para a publicidade) mobilizam com competência a demanda humana pelo lúdico, para nos atrair “voluntariamente” a consumir. E – sempre é bom lembrar – consumismo “come” crianças, mas não só.

Nesse mundo cheio de “psius” criativos e sedutores, como reagem as crianças ao “convite” a participar não pela conquista da atenção, mas pela obrigação? Afinal, qual é o sentido mais corriqueiro da expressão “chamar a atenção” na família e na escola? Evidentemente, família e escola podem modificar seus modos de “chamar a atenção” sem necessariamente se transformarem em um circo eletrônico, ou uma agência de propaganda. Inspirar-se no bom lado lúdico e interativo da mídia não é nada mal, claro, mas as fontes principais de inspiração já estão disponíveis nos seus próprios territórios: as crianças e adolescentes, com suas inclinações “gravitacionais” rumo ao mundo da brincadeira.

Na definição do *Dicionário Houaiss*, o lúdico não é só brincadeira. Pode ser também “aquilo que se faz mais por gosto do que por dever”. Quando se faz algo por gosto, a motivação é a própria atividade. Faz-se pelo prazer próprio

daquele fazer. Quando se faz por dever, a motivação é externa à atividade. Muitos já ouvimos de nossos familiares: “Você deve ir à escola para ser alguém na vida!”, ou “Se não estudar, vai ficar de castigo!”. Nestes casos, a motivação para estudar é uma recompensa externa, futura, ou ainda a ameaça de uma punição. Uma escola que valoriza o lúdico pode encontrar em suas atividades cotidianas uma grande motivação, dando aos alunos a chance de dizer: “Vou à escola porque é legal”.

Como a escola pode conquistar a atenção de crianças e adolescentes por meio de propostas atraentes, relacionadas à vida contemporânea, à cultura e ao desejo dos alunos? Um dos caminhos: projetos criativos, que favoreçam a interação. Explorar situações de aprendizagem como desafios criativos tem um enorme potencial lúdico e de engajamento. E se consideramos os alunos como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem é fundamental encará-los como seres criativos, produtores de conhecimento e cultura.

A produção criativa não tem a ver apenas com a quantidade de informação que se tem para resolver um problema e com o domínio de uma determinada linguagem. Ela envolve racionalidade, emoção, inconsciente. Desenvolve-se especialmente por motivação intrínseca, encanta e mobiliza o ser humano por inteiro. Nas atividades criativas, o aluno não precisa esperar o resultado final para obter sua “recompensa”. O retorno vem em cada momento, na forma de desafios vencidos e novas indagações. O projeto é cada momento em que está acontecendo. A educação vem para o presente e pode envolver o aluno como um todo.

Um breve exemplo: criar um projeto sobre algum assunto de interesse, que articule conteúdos curriculares, para realizar

só para favorecer os espaços da ludicidade, como para trabalhar criativamente certos conceitos, conteúdos e valores educativos que mereciam ser ampliados, retomados e constituídos a partir do jogo ou da brincadeira.

As brincadeiras e jogos trazem para o espaço escolar muitos elementos e circunstâncias imprescindíveis para ensinar e aprender, como a imaginação criativa através da formulação de hipóteses, as novas formas de entender e de lidar com tempos, espaços e outras culturas, as descobertas e as invenções, o incentivo às tentativas, a coragem de aprender por ensaio e erro com uma ousadia que só parece possível na vivência lúdica. Mas não se pode dizer que por si apenas as situações de ludicidade sempre dêem conta de formalizar a necessária constituição de conceitos, conteúdos e valores em pauta na nego-

ciação entre o dever do professor e o direito dos alunos.

Em geral, as brincadeiras e jogos eleitos como favoritos pelos alunos ajudam os professores a comprovar que certas construções conceituais que em princípio poderiam parecer complexas acabam se tornando mais claras e legíveis, portanto mais fáceis de ser trabalhadas na escola. E também que sempre é possível brincar e jogar dando vida e voz a seres imaginários, pré-históricos, míticos ou lendários em espaços e tempos reais, virtuais ou imaginários. ■

Referências bibliográficas

WINNICOT, Donald W. *A criança e seu mundo*. LTC, 1982. 6. ed.
BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo, Cortez, 2004 (Col. Questões da Nossa Época) v. 43, 5.ed.

um produto de mídia, com apoio do laboratório de informática. No processo de criação desse produto (desenho animado para um *site*, por exemplo), ocorre simultaneamente o enfrentamento de um conjunto de problemas e a exploração de uma rede de múltiplos percursos de pesquisa para a gestação de conexões e expressões plurais. Dentro desse processo, deve-se buscar a criação de diversos tipos de situações de aprendizagem específicas, promovendo a constituição de conhecimentos e valores.

No caso de se usar animação, novos potenciais se abrem. Sua linguagem incorpora desenho, pintura, palavra, diálogo, música... e dá movimento ao inanimado. Articula formas de expressão e linguagens distintas, sendo ponte para a diversidade que freqüenta a escola. Com ela é possível construir histórias, representar e trabalhar diferentes conceitos. Para criar uma história animada é preciso ter uma idéia. Depois, criar o roteiro (com imagens e frases). A história pode ser mais visual, podem-se animar palavras, a construção de narrativas visuais chama narrativas verbais etc. Como é que se pode articular tudo isso com alfabetização, produção de textos ou outras áreas do conhecimento?

Depois do roteiro, parte-se para a criação de desenhos e a pintura no computador, o que proporciona outras situações de aprendizagem. Edita-se o material. A edição é uma oportunidade especial para se trabalharem conceitos relativos a interpretação, escolha, seleção, negociação de sentidos etc. Ao final, exhibe-se o produto para os colegas da escola, para a comunidade e no *site*, para o mundo, fazendo circular sentidos produzidos coletivamente. O aluno aqui não é apenas um espectador fascinado. Ele é “convocado” a partici-

par, especialmente, como autor. Por isso, a animação oferece uma série de oportunidades para o professor conhecer melhor seus alunos, vendo-os em ação sob outra perspectiva, fora do usual. Muitas vezes sairá surpreendido, ao descobrir neles habilidades e competências que desconhecia.

O incentivo à criação de projetos com alunos, entre outras coisas, coloca o professor diante de seu próprio processo de criação. E não apenas na linguagem a ser trabalhada, mas também, especialmente, na forma de exercer seu ofício. No projeto político-pedagógico da escola, no planejamento do trabalho com sua turma e no próprio dia-a-dia da sala de aula, o professor é desafiado a criar. Com freqüência a interação entre alunos e professor encaminha as idéias planejadas para outras direções.

O professor é chamado a estar aberto, inclusive, para o não planejado, o acaso, e também para como encaminhá-lo aqui e agora. Seu ofício tem algo do *jazz*, em que existe uma estrutura, mas se toca de improviso. “Improvisar”, na sala de aula contemporânea, interagindo com alunos autores, exige professores autores também.

Este novo mundo que nos fascina e nos assusta e não pára de se recriar chama nossa atenção para a importância de uma educação lúdica e criadora, onde professores e alunos atuam e interajam como co-autores do processo de comunicação e aprendizagem.

*Assessor da presidência da MULTIRIO. Escreve e dirige para TV, cinema e internet. Trabalha na interface comunicação e educação e, de vez em quando, dinamiza oficinas de criatividade.

Desafio para a humanidade

Países lutam para reduzir emissões de poluentes e minimizar efeitos do aquecimento global no planeta

TEXTO
FÁBIO ARANHA

A humanidade enfrenta hoje um problema ambiental sem precedentes, que já começa a mostrar seus primeiros sinais: o aquecimento global. Durante milhares de anos, o planeta sofreu mudanças térmicas provocadas por causas naturais. Com a ação do homem, contudo, a temperatura começou a subir em ritmo acelerado.

A principal causa desse aquecimento é o chamado efeito estufa. Trata-se de um fenômeno que garante as condições necessárias à vida no planeta. Gases como o vapor d'água, o dióxido de carbono (CO_2) e o metano impedem que parte da radiação infravermelha proveniente do Sol retorne ao espaço. Com isso, a temperatura da atmosfera permanece em um nível adequado à proliferação da vida. Mas a concentração excessiva desses gases provoca um aumento gradual da temperatura no planeta. É o que acontece desde a Revolução Industrial, no final do século XVIII, quando a atividade fabril começou a liberar mais gases do que a vegetação e os oceanos podiam absorver da atmosfera.

A industrialização foi baseada na queima de carvão, gás e petróleo – os chamados combustíveis fósseis, usados na geração de energia elétrica para movimentar máquinas e veículos, aquecer lares, entre outras atividades. Em comparação ao período anterior à Revolu-

Relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) – entidade ligada às Nações Unidas – aponta um súbito aumento da temperatura a partir de 1900. E adverte ainda que se a concentração de gases-estufa na atmosfera dobrar, o que pode acontecer no meio deste século, a temperatura média do planeta subirá entre 2 e 4,5 graus Celsius. No fim do século, o aumento poderá chegar a 5,8 graus Celsius.

Consequências imprevisíveis – Os efeitos do aquecimento global poderão ser graves e alguns já podem ser sentidos. O nível dos mares vem aumentando em decorrência do derretimento das geleiras e calotas polares. A longo prazo, isso pode causar mudanças nas zonas costeiras e inundação em áreas mais baixas. Como as águas do oceano estão mais quentes, a força dos furacões está se intensificando. Muitos cientistas acreditam que isso já pode ser considerado reflexo do aquecimento global. Em 2004, o furacão *Catarina*, que atingiu o litoral de Santa Catarina, foi o primeiro detectado no Atlântico-Sul. Em agosto de 2005, a cidade de Nova Orleans, nos EUA, foi devastada pelo furacão *Katrina*, que causou cerca de 1,6 mil mortes e prejuízos calculados em US\$ 75 bilhões.

“Não há evidências conclusivas de que esses furacões sejam decorrência do aquecimento global. Mas são uma demonstração de que a circulação atmosférica dos ventos está mudando. De qualquer forma, temos que estar preparados para fenômenos imprevisíveis”, afirma o meteorologista Carlos Nobre, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Nobre explica que tempestades e secas podem se tornar mais frequentes. A mudança pode contribuir para aumentar a aridez de regiões semi-áridas, principalmente na África. Pesquisa do Inpe prevê que a Floresta Amazônica pode progressivamente se transformar em savana, o que reduziria drasticamente a diversidade de sua fauna e flora.

Para evitar que estes cenários desastrosos se concretizem, a sociedade tem como desafio

DIVULGAÇÃO



As queimadas são responsáveis por boa parte das emissões de CO_2 no Brasil

ção Industrial, a quantidade de CO_2 na atmosfera aumentou 35% e a de metano dobrou. Os níveis atuais de dióxido de carbono são maiores do que em qualquer outra época nos últimos 400 mil anos.

reduzir as emissões de gases do efeito estufa. Para isso será necessário alterar radicalmente a matriz energética mundial, baseada nos combustíveis fósseis. O carvão e o petróleo, os dois principais combustíveis, respondem por 80% do consumo de energia do planeta.

Mudança urgente – De acordo com Carlos Nobre, será preciso reduzir as emissões em 60% em relação aos níveis do ano 2000 para evitar que a temperatura da Terra aumente 2 graus Celsius em relação ao período pré-industrial. “Isto foi o máximo que a temperatura do planeta aumentou no último milhão de anos. O problema é que as emissões estão crescendo num ritmo de 2% ao ano”, complementa. Ele informa que a temperatura já aumentou 0,7 grau.

Na opinião do ex-presidente da Eletrobrás e atual coordenador do Programa de Eficiência Energética da Coppe/UFRJ, Luiz Pinguelli Rosa, para reduzir as emissões será preciso mudar o padrão de consumo da humanidade. Ele afirma que nossa sociedade consome energia de forma voraz, dentro de um modelo praticamente imposto ao mundo pelo capitalismo, e não haverá solução para o efeito estufa se mantivermos nosso padrão perdulário de consumo.

“Os norte-americanos, por exemplo, consomem por habitante duas vezes mais energia elétrica do que os europeus e seu padrão de vida, em certa medida, não é melhor que o europeu. Comparado ao consumo brasileiro, é 10 vezes maior e, ao da África, 100 vezes maior. No Brasil, a classe média alta consome em torno de 20 vezes o que consome a população pobre. É uma disparidade difícil de resolver”, explica, acrescentando que é possível substituir fontes de geração elétrica e usá-las com mais eficiência.

Desenvolvimento limpo – Para tentar solucionar o problema do aquecimento global, 178 países assinaram em 2005 o Protocolo de Kyoto, comprometendo-se a adotar medidas que reduzam a emissão de gases responsáveis pelo efeito estufa. Pelo acordo, os países desenvolvidos, que são os maiores emissores, assumiram como meta reduzir até 2012 as emissões em 5,2% em relação ao nível de 1990. Os países em desenvolvimento não têm metas de redução determinadas, mas participam através do Mecanismo

de Desenvolvimento Limpo (MDL). Ele permite que países desenvolvidos financiem projetos que reduzam o impacto do efeito estufa nos países em desenvolvimento e incluam essa redução – os chamados créditos de carbono – em sua contabilidade.



Luiz Pinguelli Rosa julga importante mudar os padrões de consumo da humanidade

“O MDL é uma grande oportunidade para os países subdesenvolvidos crescerem por um caminho sustentável. O mecanismo facilita a inclusão de processos limpos de energia na agenda dessas nações e a distribuição de riqueza. A tecnologia, os lucros e os empregos ficam no país. Por isso, é uma medida positiva”, comenta Carlos França, pesquisador do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP), que considera o Protocolo de Kyoto um bom começo na tentativa de deter o efeito estufa.

Mas os Estados Unidos, responsáveis por 25% das emissões de CO₂ do mundo, recusaram-se a assinar o protocolo, alegando que sua economia seria prejudicada. Os estados norte-americanos, no entanto, estão agindo por conta própria. “A resistência está sendo demolida na base. Em número crescente, os estados têm criado legislação para reduzir as emissões. O estado da Califórnia adotou metas de redução de emissões rígidas até 2020 e entrou na Justiça contra as fabricantes de automóveis”, exemplifica Carlos Nobre, ressaltando que, mesmo assim, as emissões dos EUA continuam subindo.

Geração elétrica – As emissões de gases do efeito estufa são distribuídas aproximadamente da seguinte forma: 40% vêm do setor elétrico, 30%, dos transportes e 30% de processos industriais, residenciais e da agricultura. Na geração de energia elétrica, o carvão continua ►

sendo a fonte mais usada, respondendo por 40% da geração total. Trata-se do principal emissor de CO₂. Logo em seguida, vem o gás natural, que corresponde a 19% da geração elétrica do planeta e, apesar de também emitir CO₂, o faz em quantidades módicas. Por último, o óleo equivale a 7%. Ou seja: juntos, os combustíveis fósseis geram 66% da energia elétrica do planeta. No Brasil, termelétricas a gás, óleo e carvão representam cerca de 18% da geração nacional.

Uma das alternativas aos combustíveis fósseis é a hidroeletricidade, que representa 16% da geração mundial. A energia hídrica, ao contrário do que muitos pensam, também causa a emissão de CO₂, devido à vida biológica nos lagos das barragens. Essa quantidade é apenas uma fração da emissão proporcionada pelas fontes fósseis. O problema, no entanto, é que a maioria dos países desenvolvidos já esgotou a maior parte do seu potencial hidráulico. Os EUA já exploraram 80% e terão dificuldades de aproveitar o resto em virtude de sua grande densidade populacional. No Brasil, as usinas hidrelétricas são a grande fonte geradora, respondendo por quase 75% do sistema elétrico brasileiro. Mesmo assim, o país aproveitou apenas 25% do seu potencial hidráulico.

O Ministério de Minas e Energia, contudo, vem encontrado dificuldades na obtenção do licenciamento ambiental para novas hidrelétricas, devido ao grande impacto causado ao meio ambiente. Por isso, o país está construindo um maior número de termelétricas a gás, carvão e óleo. “Há uma pressão ecológica intensa contra a construção de barragens. É um erro histórico que a sociedade brasileira está cometendo. Entrar no carvão mineral e no óleo diesel para gerar energia elétrica vai na contramão do que o resto do mundo está fazendo”, critica Pinguelli Rosa.

Vistas como a solução para os problemas do aquecimento global pelos ambientalistas, as energias renováveis – eólica, solar, das marés, geotérmica – até agora representam apenas uma pequena parte da geração mundial, não chegando a 2% do total produzido. No Brasil, o governo federal lançou em 2004 o Programa de Incentivo às Energias Alternativas (Proinfa), que visa pôr em operação 3.300 megawatts de potência de energia eólica, biomassa e pequenas centrais hidrelétricas (PCHs). Mas a implantação das

unidades geradoras anda a passos lentos. Hoje, em nosso país, a biomassa responde por quase 4% da geração total; as PCHs, por 1,5%; a energia eólica, 0,2% e a solar, 0%.

Impacto ambiental – Mas as fontes renováveis também têm seus problemas. Seu potencial de expansão é limitado e, em sua maioria, permanecem muito caras. O custo poderia ser reduzido em parte com o desenvolvimento tecnológico e a implantação em larga escala. Mas, por enquanto, a tendência é que se tornem fontes complementares. A energia eólica depende da regularidade dos ventos, tem baixo rendimento e precisa ser implantada longe de locais habitados. A energia solar é a mais cara e adequada apenas a lugares isolados, com dificuldade de acesso à rede elétrica. A utilização das energias geotérmica e das marés ainda está em fase experimental.

Por último, resta a energia nuclear. As usinas nucleares não geram gases responsáveis pelo efeito estufa e são largamente utilizadas em países como os EUA, que têm 103 reatores em operação, e a França, cuja matriz elétrica é 78% nuclear. No mundo, há 442 reatores, que produzem 16% da energia do planeta. O Brasil tem duas usinas nucleares, Angra 1 e 2, que respondem por 2% da capacidade instalada no país. O problema da energia nuclear é o armazenamento definitivo dos rejeitos radioativos após o fim da vida útil das usinas.

“Não existe energia santa, pois todas as formas têm impacto ambiental. As energias renováveis podem crescer muito. Acredito que a emergência do efeito estufa pode levar a energia nuclear a uma maior escala, principalmente nos países desenvolvidos, que utilizam muito carvão. Nos países em desenvolvimento, a energia hidrelétrica ainda tem um papel decisivo a desempenhar”, resume Pinguelli Rosa.

Com grande parte de sua matriz proveniente da energia hidrelétrica, o Brasil tem um sistema elétrico ambientalmente correto. O grande problema é o desmatamento, que responde por 75% das emissões de CO₂ nacionais. “Estamos queimando recursos, sem transformá-los em riquezas. A solução é a exploração sustentável da Amazônia e a fiscalização”, ressalta Carlos França, da USP. ■

SAIBA MAIS

A seção *Atualidade* da edição de dezembro de NÓS DA ESCOLA discutirá a contribuição do setor de transportes para o aquecimento global e as perspectivas de solução.

Abaixo o 'recorte e cole'!

As instruções para uma pesquisa adequada devem sempre partir do professor, seja pela internet ou não

Com a popularização do uso da internet, as tarefas escolares se adaptaram aos novos tempos. É cada vez mais freqüente a utilização da rede por alunos para dar conta das pesquisas sugeridas por seus professores em sala de aula. Mas o que pode facilitar a vida na hora da pesquisa nem sempre satisfaz as exigências pedagógicas. É comum crianças e adolescentes usarem o famoso recurso do "recortar e colar", sem ao menos ler o conteúdo do texto. Além disso, sem saber, estão infringindo a Lei de Direitos Autorais, quando assinam como seu algo copiado.

A professora Alessandra Sexto Bernardes, que desenvolveu o trabalho *A pesquisa escolar em tempo de internet*¹, observa que os cuidados a serem tomados hoje são os mesmos da época em que os alunos recorriam às enciclopédias, já que também copiavam o que vinha impresso sem refletir sobre o que estavam escrevendo. Era apenas uma tarefa a ser cumprida, que não acrescentava nada no aprendizado.

Essa prática, independentemente do recurso utilizado, foge à função essencial da pesquisa. No trabalho *A pesquisa escolar em tempo de transição: estudo de caso*², as professoras Alzinete Biancardi, Andréia Gonçalves e Eliana do Espírito Santo citam o educador Pedro Demo³, que reserva à atividade uma importante função na educação, que é a de preparar cada estudante para uma participação responsável na construção do saber. Para o educador, a pesquisa escolar é a principal ferramenta do processo ensino-aprendizagem.

De acordo com as professoras Alzinete, Andréia e Eliana, entretanto, essa concepção certamente não leva em conta que o surgimento da internet promoveu a universalização da informação. Todo estudante hoje tem acesso a bibliotecas do mundo inteiro e não precisa ficar restrito à informação de jornais, revistas, TV ou mesmo das famosas enciclopédias.

Elaboração crítica – Mas, ainda assim, segundo o trabalho das professoras, a ocasião é apropriada para recuperar o sentido posi▶



¹ BERNARDES, Alessandra Sexto. *Pesquisa escolar em tempos de internet*. Universidade Federal de Juiz de Fora. (http://www2.uerj.br/~teias/artigos/a_pesquisa_escolar.html)

² BIANCARDI, Alzinete Maria Rocon; GONÇALVES, Andréia Carla; ESPRITO SANTO, Eliana Lima do. *A pesquisa escolar em tempo de transição: estudo de caso*. Universidade Federal do Espírito Santo. (<http://dici.ibict.br/archive/00000674/01/T014.pdf>)

³ DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas, Autores Associados, 1996. (2002, 5. ed.).

TEXTO
CAROLINA BESSA
ARTE
GUSTAVO CADAR
FOTO
ALBERTO JACOB FILHO

tivo e progressivo da pesquisa, sendo entendida não como coleta de informações, mas como elaboração crítica de uma experiência. Em seu estudo de caso, elas descobriram que a pesquisa na internet ainda se dá de forma passiva e é mais comum do que se pensa a prática da cópia integral e parcial de textos sem estudo, sem indagação, sem questionamentos, o que elas chamam de “pesquisomania”. Esse estudo foi realizado de 1999 a 2000, com alunos de 1ª a 4ª séries, no ambiente de biblioteca escolar.

Já a professora Alessandra Bernardes acredita que nem tudo está perdido. Para ela, esse tipo de exercício pode ser proveitoso para internautas que dominam bem a rede. “Alguns recortam e colam, sim. Mas os que gostam de navegar, vão a muitos *sites* e constroem seus próprios textos. Eles encaixam palavras do seu vocabulário e organizam seu pensamento de forma coerente”, ressalta Alessandra. Geralmente, os que “recortam e colam” são aqueles que imprimem o conteúdo inteiro do *site* sem ler.

No entendimento de Alessandra, que hoje coordena o curso normal superior da Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac), em Muriaé, Minas Gerais, as instruções para uma pesquisa adequada devem partir do professor, seja pela internet ou não. Não é raro encontrar casos em que o professor apenas sugere um tema e deixa o aluno livre para fazer como quiser. “Muitas vezes o estudante nem indica as fontes ou os *sites* utilizados como informação, simplesmente, porque não está acostumado a pesquisar. Primeiro, o professor deve ter o hábito para depois cobrar do aluno esse tipo de atitude”, argumenta.

Outro profissional que deve estar envolvido diretamente com a atividade e devidamente preparado é o bibliotecário. Hoje, segundo o estudo *A pesquisa escolar em tempo de transição*, os alunos vão diretamente para o computador e ignoram livros e revistas como fontes de informação. Numa análise *in loco* em uma biblioteca, citada na pesquisa, com um acervo de 5.230 livros, 12 títulos de periódicos, uma videoteca com 50 fitas VHS e apenas três computadores ligados em rede, os estudantes disputavam as máquinas para navegar pelos *sites* e raramente recorriam aos impressos e audiovisuais. Para que a pesquisa funcione,

os profissionais envolvidos no processo educacional devem, independentemente do recurso, tornar a busca uma atividade ativa e estimulante e apresentar outros meios tão interessantes como a *web*. Além disso, é importante que os alunos compreendam que nem tudo o que está na internet é uma verdade absoluta.

Proibição – Muitos professores, principalmente os não familiarizados com a rede internacional de computadores, vêm proibindo a apresentação de trabalhos digitados para evitar que os alunos só imprimam o conteúdo dos *sites*. “Já vi professor aceitando somente trabalho feito à mão. Mas a internet só veio para acrescentar. Lidar com novas tecnologias sempre dá medo, mas a gente precisa aprender a usá-las como prática pedagógica. O professor tem de estar capacitado”, ressalta a coordenadora da Unipac.

Outro aspecto a ser observado é a questão autoral. Os alunos, quando recortam e colam um texto inteiro ou o utilizam de forma parcial sem indicar na bibliografia os autores, estão infringindo a Lei de Direitos Autorais⁴. Ninguém pode impunemente utilizar uma elaboração intelectual alheia como se fosse sua. Segundo a lei: “são direitos morais do autor, o de ter seu nome, pseudônimo ou sinal convencional indicado ou anunciado, como sendo o de autor, na utilização de sua obra”. É exatamente por isso que o professor deve deixar claro para o aluno que copiar o trabalho de alguém, reivindicando a autoria, é um ato de desonestidade. Ao explicar a metodologia de pesquisa, o professor deve ensinar que é obrigatório a bibliografia vir na última página.

Uma dica da professora Alessandra Bernardes é que a pesquisa tenha o seu processo iniciado em sala de aula e não seja apenas mais um trabalho de casa. Além disso, não deve partir de um tema generalizado ou recorrente como um fato ou personagem histórico. “A pesquisa tem que nascer de uma dúvida que surja durante as aulas. Pode ser sobre um tema, mas não de forma vaga. Deve surgir do cotidiano, de discussões em sala de aula. Não pode ser uma busca de certezas apenas, ou uma exigência do currículo, deslocada do que é conversado em sala”, ensina. ■

⁴LEI DOS DIREITOS AUTORAIS (<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L9610.htm>)

Uma cidade em novo ângulo



A pose com um dos maiores cartões-postais da cidade ao fundo foi uma das mais disputadas pelos alunos

Para muitos dos alunos das turmas 401 e 402 da Escola Municipal Professora Marita de Vasconcelos, em Campo Grande, Zona Oeste da cidade, o Pão de Açúcar não passava de um cenário de sonhos, visto apenas em fotografias e em cenas de novela. A história começou a mudar de rumo em fevereiro, quando a direção e os professores da escola conseguiram agendar uma visita ao ponto turístico para encerrar o projeto Vida e Paz, que tratou de cidadania, meio ambiente e identidade ao longo de boa parte do ano de 2006. Numa manhã inicialmente nublada de setembro, 60 alunos puderam ver de perto o cenário comentado ao longo de meses, trazendo na ponta da língua detalhes como o nome e a altura de cada um dos morros, além das “normas” de comportamento definidas pelos professores: não dar de comer aos animais silvestres, não gritar, não se isolar do grupo e não pular no bondinho, entre outras recomendações.

As surpresas começaram cedo. Na verdade, ainda dentro do ônibus que levou os estudantes de Campo Grande até a Urca. Pelo caminho, outros pontos famosos, como o Maracanã, a Ponte Rio–Niterói e o Aterro do Flamengo, já chamavam a atenção daqueles que

nunca tinham saído do bairro onde moram. E faziam a ansiedade aumentar a cada minuto. “É tudo muito diferente do que as pessoas falam. Às vezes elas dizem que o mundo é pequeno, mas o mundo é muito grande”, alardeia Amanda Anastácio de Alarcão, de 12 anos. Como ela, os outros estudantes do grupo surpeendiam-se a cada quilômetro percorrido. Mas o campeão de expectativa foi mesmo o bondinho. Na fila, enquanto uns se distraíam ouvindo os turistas se comunicarem em línguas estrangeiras, outros não escondiam o medo da aventura que se aproximava. “Estou com muito medo, porque é muito alto. Mas não pensei duas vezes, quis logo vir”, conta Rayane de Freitas Reis, de 11 anos. Já Ingrid Karoline Fernandes, também de 11 anos, brinca: “Da próxima vez, vou trazer um pára-quadras”.

Já no Morro da Urca, as professoras e a coordenadora pedagógica da escola, Suely Mendes Barbosa da Almeida, aproveitavam para revisar conteúdos debatidos ao longo do ano – algumas espécies de árvores; o tom avermelhado de alguns caules, resultado da ação de fungos que só se desenvolvem quando há ar puro; a necessidade de preservação do meio ambiente para assegurar a sobrevivência das maravilhas que os alunos apontavam e a geografia ▶

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Na saída do bondinho, a ansiedade deu lugar à animação

da cidade do Rio de Janeiro. “Atividades assim são importantes porque dão aos alunos a chance de vivenciar na prática uma série de coisas que estudaram ao longo do ano. Não basta ficar somente nos livros e fotografias. Para muitos, um passeio como este é uma oportunidade única”, ressalta Suely.

Cidadania em construção – Ao longo do ano de 2006, o projeto Vida e Paz vem mesclando assuntos como meio ambiente, cidadania e identidade. Com a intenção de promover valores e conscientização, os professores realizam atividades como debates, produção escrita e pesquisa em torno de temas que ressaltam a necessidade da preservação ambiental e cultural e os direitos e deveres de cada cidadão. O trabalho em torno da identidade começou na própria escola, para depois evoluir para a vizinhança, o bairro e, finalmente, a cidade do Rio de Janeiro. Por isso a oportunidade de fazer um passeio a um dos pontos mais conhecidos por cariocas, brasileiros e estrangeiros foi tão bem-vinda. “Eles serão os cidadãos de amanhã, que vão formar seus filhos e agir em suas comunidades. É importante percebermos a cultura do espaço social em que estão inseridos e valorizá-la, estimulando sua preservação e também a atuação deles na cidade em que vivem”, avalia Suely.

A formação da consciência cidadã é assunto sempre em pauta. A cada ano, a escola tenta encerrar o trabalho com a visita a um ponto do Rio de Janeiro: Planetário, Casa do Pontal e até um submarino ancorado na cidade. O Pão de Açúcar é um dos xodós dos professores. O carinho pelo lugar contagia os estudantes, que ouvem falar sobre a cidade o ano inteiro. “Trabalhamos os pontos turísticos, a história, a geografia e o meio ambiente. Uma coisa é a gente falar e outra é eles vivenciarem na prática”, destaca Marina Cecília Guimarães, professora da turma 401.

Animados com o passeio, os alunos apreciaram a vista da cidade, percorreram trilhas, se divertiram com os micos e lagartos e, vez por outra, se lembravam de uma informação sobre a qual já tinham falado. “A professora explicou como era aqui, mas só quando vi entendi direito”, assegura Joyce Fabiani Cerqueira, de 10 anos. Depois da aventura, o trabalho continua, com debates e o incentivo à produção escrita. Mas, nas quase três horas que passaram no Pão de Açúcar, conhecer o Rio de Janeiro do alto era tudo o que os alunos queriam. E até o tempo, que prometia chuva, contribuiu para que tudo fosse perfeito. Assim que as primeiras nuvens começaram a se dissipar, a excitação foi geral. “Ih, olha ali o Cristo Redentor”, saudavam muitos, animados. ■



Ver do alto o Rio de Janeiro deixou os alunos encantados

Xodó dos cariocas

Ao lado do Corcovado e da Praia de Copacabana, o Pão de Açúcar é um dos cenários mais lembrados da cidade. Foi em 1912 que o morro ganhou status de ponto turístico, depois que o engenheiro Augusto Ferreira Ramos fundou a Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar, que construiu e administra até hoje os bondinhos. As obras começaram em 1910 e ocuparam centenas de operários brasileiros, que precisavam escalar a montanha transportando peças, motores e cabos de aço. O primeiro bondinho realizou o percurso entre a Praia Vermelha e o Morro da Urca e entre o Morro da Urca e o Morro Pão de Açúcar até 1972, tendo transportado 7,8 milhões de turistas. O atual sistema, que duplicou as duas linhas (são dois bondinhos em cada trecho do percurso), aumentou em 10 vezes a capacidade do teleférico. Cada viagem dura em média três minutos e os bondinhos podem transportar até 75 pessoas.

SAIBA MAIS

A Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar, responsável pela administração do bondinho, oferece gratuidade na visita de escolas públicas. Para agendar a visita, é preciso apresentar um ofício em papel timbrado, assinado pela direção da escola. Cada escola pode participar apenas uma vez por ano, levando até 60 alunos e cinco acompanhantes. As visitas acontecem entre os meses de março e novembro, com exceção de julho. Os contatos devem ser realizados através do telefone 2546-8419 ou do e-mail escola@bondinho.com.br

Dia de repensar a escola

Divulgar a produção do corpo docente da escola para os professores, partilhando com eles as experiências bem-sucedidas do ano letivo, e encontrar soluções para o que não está dando certo. Este é o objetivo do seminário Repensando Alencastro, que a E. M. Alencastro Guimarães, em Copacabana, Zona Sul da cidade, realiza todos os anos. A terceira edição do evento acontece no final deste mês e já tem projetos inscritos, com a participação de professores e alunos.

O seminário, que dura um dia inteiro, vem tendo ótima acolhida pelos professores da escola, ajudando-os a se conhecer melhor e estimulando com isso a criação de projetos interdisciplinares. “A escola vinha fazendo coisas muito interessantes, mas que nem todos conheciam. O seminário uniu o grupo de professores e permitiu que eles conhecessem o que os colegas estavam fazendo. Eles perceberam a importância de trabalhar de forma integrada e isso fez com que desenvolvessem um grande número de projetos em comum”, ressalta a diretora da escola, Maria Hercília Ferrão de Oliveira.

O seminário virou referência para os professores, incentivando-os a criar novos projetos na escola. Segundo a diretora, eles já começam o ano letivo pensando em propostas para desenvolver em suas áreas. A iniciativa também permite-lhes repensar a prática pedagógica e os instiga a manterem-se sempre atualizados. Eles avaliam o que foi feito de positivo durante o ano e investigam as causas de determinado projeto ou atividade não ter alcançado os objetivos almejados. “Esse é um momento de fazer um balanço. Estamos prestes a começar um novo ano e é produtivo discutir os problemas, começar a aparar arestas”, explica.

Trabalho integrado – Maria Hercília acredita que o seminário também ajuda a resgatar a auto-estima do docente. “O professor às vezes reclama que não é valorizado, que ninguém vê o que está fazendo. Com esse projeto, a sua produção passa a ter visibilidade. E isso dá a ele injeção de ânimo para passar essa motivação aos alunos. É importante que os meninos vejam que a escola tem um trabalho integrado, que as coisas estão acontecendo e que os profes-



A diretora Maria Hercília acredita que o seminário ajuda a valorizar o trabalho do professor

res buscam sempre coisas novas e interessantes para trabalhar com eles”, frisa a diretora.

Além dos professores, o seminário também inclui a participação dos alunos e dos pais, que são convidados pela escola. Entre as propostas a serem apresentadas este ano há uma adaptação teatral, feita por professores, do poema *Vou-me embora pra Passárgada*, de Manuel Bandeira, em comemoração aos 100 anos do nascimento do poeta. Há também uma exposição de fotografias sobre futebol, que retrata entre outras coisas o lado inusitado do esporte.

As atividades incluem ainda uma discussão, na sala de leitura, que traça um paralelo entre o texto do livro *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, e o Rio de Janeiro dos dias atuais, ressaltando a contemporaneidade da obra. Além disso, a escola contribuiu para o concurso anual promovido pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro (Comdedine), que busca valorizar a cultura negra. Para este ano professores e alunos produziram um vídeo sobre o massagista Pai Santana, figura folclórica do Clube de Regatas Vasco da Gama. Outro trabalho incluído retratará a participação da escola na Feira de Ciências do Planetário da Gávea, que aconteceu entre os dias 16 e 23 de outubro. A feira é uma parceria da 2ª CRE com o Planetário e contou com a participação de turmas de 5ª a 8ª séries de 23 escolas. A escola apresentou uma maquete do *14-Bis* e um pôster com textos sobre Santos Dumont e a aeronave. O projeto foi desenvolvido pelos professores das disciplinas de ciências, artes plásticas, francês e história. ■

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Ciência é a maior diversão



A técnica do cultivo por hidroponia é um dos projetos desenvolvidos no Pólo de Educação pelo Trabalho. Jornalista Carlos Castello Branco

Pelo terceiro ano consecutivo, aconteceu no mês de outubro a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, evento coordenado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e que abrange universidades, escolas, instituições científicas e tecnológicas em municípios de norte a sul do país. Para esta edição, o tema escolhido pelo MCT foi Criatividade e Inovação. A participação da Prefeitura do Rio vem se consolidando: nesta edição, além de vídeos da MULTIRIO (veja quadro) escolas da 9ª e 10ª CREs marcaram presença com trabalhos inspirados principalmente em aviação, já que estamos no ano do 100º aniversário do vôo do *14-Bis*. Houve também escolas avulsas que mostraram seus trabalhos na

área científica em suas respectivas regiões: Paraguai, do bairro de Marechal Hermes, Affonso Pena, do Andaraí (Zona Norte da cidade) e Professor Augusto Cony, da Taquara (Zona Oeste). Foi uma grande oportunidade para as crianças e adolescentes conhecerem o impacto das pesquisas e suas aplicações no dia-a-dia.

Assim como em 2005, alunos de educação infantil até 8ª série da 10ª CRE prepararam diversas atividades e exposições. “Teremos eventos Portas Abertas, exposições na Praça do Rodo no dia 21 de outubro (no centro de Pedra de Guaratiba), feiras nas escolas e revoadas de pipas, entre outras atividades”, conta a professora Vanessa Archipowicz, assistente da DED.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

O Pólo de Educação pelo Trabalho (PET) Jornalista Carlos Castello Branco, por exemplo, levou para a praça modelos de aeronaves em madeira, verduras cultivadas por hidroponia e ainda oficinas diversas. O PET Fernando Azevedo também se ocupou de oficinas interessantes, de fotografia, reciclagem e informática.

A ciência foi contemplada em diversos ângulos. Saúde foi o escolhido pelo Núcleo de Adolescentes Multiplicadores da Escola Municipal Fernando de Azevedo, com barracas distribuindo materiais sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST) e drogas, com explicações e orientações passadas pelos alunos, incluindo a distribuição de preservativos. A sala de leitura pólo Bertha Lutz optou pelo lúdico para divulgar conceitos e termos científicos: os alunos criaram um revista de passatempo, com jogos, brincadeiras e palavras cruzadas sobre o assunto. A idéia da revista também foi desenvolvida pela 9ª CRE, que distribuiu a publicação no dia 21.

“A intenção é mostrar as comunidades às empresas para entendimento mútuo”, diz a professora Vanessa, que comenta o resultado nos alunos: “Eles passaram a conhecer tudo o que há no entorno de suas casas, vendo como é o ambiente de trabalho. E passaram a querer estudar mais, a se comprometerem”.

As duas coordenadorias utilizaram o Portas Abertas em espaços disponibilizados por empresas locais, como a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), de Guaratiba. A diretora da 9ª CRE, Liane Vera, juntamente com a professora Valéria Wanderley, aproveitou o tema já desenvolvido nas escolas ao longo do ano, Criatividade e Inovação, além de também aproveitar a efeméride do 14-Bis para selecionar o que seria apresentado. Do evento Corpo Fala Teatro, baseado em ícones e apresentado pelos 12 pólos da região, foram selecionados os dois que faziam referência ao Pai da Aviação. Mas antes disso houve uma apresentação na Lona Cultural Elza Osborne, em 29 de setembro. Por falar em vôo, foram programadas duas oficinas de pipas, uma com professores e outra com os alunos do Grêmio do Ciep Raymundo Ottoni de Castro Maya, de Campo Grande, Zona Oeste da cidade, com posterior revoada, para alegria das crianças da comunidade, organizado pelo professor Wilson

de Lima Belzana, do Clube Escolar de Campo Grande.

Na sede da 9ª CRE, houve uma grande exposição aberta à comunidade, em 18 de outubro. Entre os trabalhos apresentados, objetos feitos a partir de sucatas, aeroplanos e construção de balões, entre outros. O trabalho interdisciplinar abordou desde a dinâmica geométrica à história da aviação.

O interesse despertado pela iniciativa do MCT vai além da Semana da Ciência propriamente. A empresa Fiperj (Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro) quer desenvolver trabalho de valorização da área do manguezal para o próximo ano com os alunos da Zona Oeste. ■

SAIBA MAIS

Página oficial da Comissão para as Comemorações do Centenário do vôo do 14-Bis www.santosdumont.14bis.mil.br
Site do Ministério da Ciência e Tecnologia: www.mct.gov.br
Os programas da MULTIRIO também podem ser solicitados à Ouvidoria, pelo telefone 2528-8292.
O cartaz da NÓS DA ESCOLA n.42, em homenagem ao Pai da Aviação, informa sobre suas principais invenções.



O centenário do 14-Bis foi lembrado pela construção de aeronaves em madeira

Vídeos científicos

A programação de vídeo da Semana da Ciência, disponível para que as instituições realizassem sessões públicas e gratuitas, através da Rede Ipê (on line), incluiu produções da MULTIRIO que já haviam sido apresentadas na mostra Ver Ciência deste ano. O *Nós da Escola* foi representado pelo episódio “Santos Dumont”. Duas edições do *Rio, a Cidade!* também participaram. Em “Os 130 anos de Santos Dumont”, há entrevista com Henrique Lins de Barros, um dos mais respeitados biógrafos do inventor, e Marcio Bhering Cardoso, diretor do Museu Aeroespacial. No outro programa, intitulado “Avanços tecnológicos e a substituição de produtos do dia-a-dia”, Marilza Elizaro Ribeiro, diretora do Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, discute os avanços tecnológicos e seus efeitos no comportamento humano.

Terminal marítimo da cidade

A região da Baía de Sepetiba se afirma como pólo industrial e reserva natural do Rio de Janeiro

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

REPRODUÇÕES DO

ARQUIVO GERAL DA CIDADE

DO RIO DE JANEIRO

Apesar de ameaçada pela degradação ambiental, a Baía de Sepetiba é uma fonte de riquezas naturais de extrema importância geográfica e histórica para o estado. Suas águas já abrigaram uma diversidade de fauna e flora, da qual algumas espécies ainda sobrevivem à poluição nas áreas de mangue. Sua história remete ao passado da Cidade Maravilhosa. Pela baía passaram os franceses quando decidiram invadir o Rio pelo interior, no século XVIII. Antes disso, foi parte da rota do tráfico de escravos e o seu entorno abrigou engenhos de açúcar.

Nos seus manguezais e zonas estuarinas (embocaduras largas de rios, sensíveis aos efeitos da maré), Sepetiba abriga espécies de moluscos, crustáceos e peixes, o que faz com que a pesca ali seja uma importante atividade econômica, além do turismo – uma vocação natural. O nome Sepetiba, em tupi, significa sítio dos sapês, embora a região, outrora coberta de florestas, tenha pouco mais de cinco por cento de áreas naturais – dois por cento delas de mangue.

A Baía de Sepetiba é formada por águas salobras. Sua área é de aproximadamente 450 quilômetros quadrados, limitada ao norte pela Serra de Madureira, ao nordeste pela Serra do Mar, a sudeste pelo Maciço da Pedra Branca, a oeste pela Baía de Ilha Grande e ao sul pela Restinga de Marambaia. Sua comunicação com o Oceano Atlântico se faz por duas passagens:

na parte oeste, pelos cordões de ilhas que fazem limite com a ponta da Restinga e, na porção leste, pelo canal que deságua na Barra de Guaratiba. Seu perímetro é de aproximadamente 130 quilômetros.

Sepetiba ainda preserva sua beleza natural, com ilhas e cachoeiras, apesar de grande parte dessas águas já estar sofrendo os efeitos da poluição. As ilhas da Madeira, Martins e Jaguanum, parte da Ilha de Itacuruçá e as cachoeiras Mazomba, Itimirim e Bicão chamam a atenção dos turistas por sua beleza. A Restinga de Marambaia é uma imensa barragem de areia que funciona como dique, isolando do oceano as águas da baía. Com cerca de 79 quilômetros quadrados, se estende da Barra de Guaratiba, a leste, até o Morro de Marambaia, a oeste, com uma distância de 18 quilômetros do bordo continental. A restinga está sob a administração da Marinha e do Exército.

A bacia fluvial que deságua na Baía de Sepetiba, com aproximadamente 2.500 quilômetros, está inserida em dois conjuntos distintos: as vertentes da Serra do Mar e uma área de baixada, recortada por inúmeros rios, composta de 22 sub-bacias. Além disso, parte das águas do rio Paraíba do Sul, desviadas na barragem de Santa Cecília, atingem o ribeirão das Lages, um dos formadores do rio Guandu e do canal de São Francisco.

Tráfico de escravos – Além da importância ambiental, a Baía de Sepetiba guarda um pouco da história do Rio. No século XVI a região serviu de rota para o tráfico de escravos que saíam da África em direção ao Brasil. Há indicações de utilização de Sepetiba, Marambaia e Ilha Grande como pontos de parte do comércio de escravos, que tinha apoio em Buenos Aires e se estendia até Lima, Peru.

Sepetiba abrigou engenhos de açúcar, um deles da família Sá, do século XVI até o século XVII, apesar de o principal deles estar situado na Ilha do Governador. A Igreja também contribuiu para o desenvolvimento da região. A Compa-



A bucólica paisagem da Praia de Sepetiba, na primeira metade do século XX



A Restinga de Marambaia, emoldurada por um conjunto de belas palmeiras, em um cenário ainda não atingido pela degradação ambiental

nhia de Jesus ali construiu canais para drenar e proteger as terras no seu entorno, onde interligou as bacias dos rios Guandu e Itaguaí e implantou redes de canais navegáveis.

No século seguinte, a baía foi invadida por esquadras francesas. Depois de repelidos a tiros vindos das Fortalezas de Santa Cruz e São João, na entrada da barra do Rio, os europeus seguiram para a Ilha Grande e em 1710 acabaram desembarcando em Guaratiba. No início do século XX, a urbanização crescente exigiu investimentos em saneamento básico e em saúde pública. A campanha do sanitarista Oswaldo Cruz, combinada à modernização urbana comandada por Pereira Passos, em 1907, reduziu a mortalidade provocada por febre amarela a zero. A eliminação dos últimos focos só ocorreu em 1936 e 1937 na Baixada Fluminense. Esse tipo de iniciativa abriu caminho à ocupação de Jacarepaguá e Sepetiba.

A região de Sepetiba é hoje um dos pólos industriais do Rio de Janeiro. É na sua costa norte, no município de Itaguaí, que se situa o principal terminal marítimo fluminense, o Porto de Sepetiba, com 177 mil metros quadrados de área de armazenamento. Preparado para receber navios de grande porte, o local tem es-

paços para carga a granel de minério de ferro e carvão e seu canal de acesso tem 22 quilômetros de extensão.

Desafios ambientais – Como no passado a atividade industrial não levou em conta a preservação ambiental, muitas substâncias tóxicas foram lançadas nas águas da baía, sobretudo metais pesados, como zinco, cádmio e chumbo. Por isso, todas as praias de Sepetiba estão poluídas.

Hoje a despoluição é um dos principais desafios das autoridades. As águas da baía começam a sofrer de eutrofização, processo pelo qual a água adquire níveis altos de nutrientes (fosfatos e nitratos), que provocam acúmulo posterior de matéria orgânica em decomposição. Além disso, o crescimento desordenado das algas, por conta do aumento das concentrações de nitrogênio e fósforo, e a diminuição da transparência nos corpos d'água estão provocando mudanças no índice de diversidade, favorecendo o crescimento de organismos adaptados a águas poluídas. Já a Restinga de Marambaia sofre um intenso processo de erosão, decorrente da ação de fatores físicos, como correntes, ventos e ondas. ■

SAIBA MAIS

Livro

- LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis (uma reflexão em busca de auto-estima)*.

Sensibilidade à flor da pele

O legado de Margaret Mee, artista que se tornou uma das maiores ilustradoras botânicas do Brasil

TEXTO
RENATA PETROCELLI
FOTOS
DIVULGAÇÃO

Quem vê a obra de Margaret Mee pode jurar que ela nasceu no Brasil. Artista sensível e profunda conhecedora da flora, Mee conciliou arte e ciência ao retratar mais de 500 espécies de plantas encontradas nos ecossistemas brasileiros, tendo se encantado pela Mata Atlântica e, em especial, pela Amazônia. Em 40 anos de trabalho, lutou pela preservação de nossas florestas, denunciou a ocupação desordenada das matas e o de-

saparecimento de espécies centenárias, além de pôr em destaque a arte da ilustração botânica. Mas as mais célebres pinturas e desenhos de nossa flora vieram, na verdade, das mãos de uma inglesa. Foi em Chesham, a 50 quilômetros a oeste de Londres, que nasceu Margaret Mee. A alma brasileira, no entanto, fica clara em suas obras, que registram as espécies que a fizeram se apaixonar pelo Brasil.

Margaret não era botânica por formação, mas suas ilustrações foram reunidas em livros que servem de referência a profissionais da área. Foi a paixão pela flora brasileira que levou a artista a aprimorar o rigor técnico na representação fiel da natureza. Graças a ela, inúmeras espécies da Floresta Amazônica e da Mata Atlântica se tornaram conhecidas e apreciadas. Outras espécies ela mesma descobriu e classificou, emprestando seu nome a algumas, como a bromélia *Aechmea Meeana* e a orquídea *Sobralia Margaretae* (veja nas fotos). Hoje, é impossível falar de ilustração botânica no Brasil sem uma referência a Margaret Mee.

Encontro de sensibilidade – Margaret Ursula Brown nasceu em 22 de maio de 1909 em Chesham, nas proximidades de Londres. O talento para o desenho apareceu cedo, notado sobretudo por uma tia, que era ilustradora de livros infantis e foi grande influência para Margaret. Durante muitos anos, no entanto, a relação com a arte permaneceu obscurecida. Aos 16 anos, Margaret obteve o certificado de educação geral. Pouco tempo depois, foi viver em Londres, onde se envolveu com a política. Influenciada por Reg Bartlett, seu primeiro marido e membro de sindicatos, entrou para o partido comunista, abraçando causas como a luta contra a pobreza e a Guerra Civil Espanhola.

Foi só depois da Segunda Guerra Mundial que Margaret se reaproximou da arte. Em 1947, ingressou na Escola de Arte de Saint Martin, sendo depois admitida na Escola de Arte de Camberwell, onde se formou e se tornou professora. Ainda neste período, conheceu Greville Mee, seu segundo marido. Com ele chegou ao Brasil, em 1952. O encontro com o país que a encantaria com a exuberância de sua natureza aconteceu por acaso, em circunstâncias tristes. Catherine, uma de suas irmãs, morava em São Paulo e estava muito doente.

Em pouco tempo eles estavam adaptados. Margaret começou a dar aulas de arte na Saint Paul's School, enquanto Greville trabalhava como comerciante de arte. O fascínio com a natureza brasileira nasceu no encontro com a Mata Atlântica, que à época cobria boa parte do estado de São Paulo. Em seus passeios pela mata, Mee pintava as plantas e flores que encontrava. E assim descobriu aquela que seria sua grande vocação.

Enquanto crescia o entusiasmo pela nova atividade, Mee encontrou um desafio maior: a Floresta Amazônica. A primeira viagem aconteceu em 1956. Depois dela, vieram mais 15 expedições, em que desenhava, pintava e registrava espécies, percorria de barco a região e convivia com os índios. Descobriu algumas espécies de plantas e encontrou outras julgadas extintas. A paixão foi tão grande que ela se mudou para Belém do Pará.



Mee dedicou a vida à ilustração de espécies brasileiras



O nome *Aechmea Meeana* é uma homenagem à artista

O trabalho como ilustradora de espécies botânicas logo chamou a atenção. Em 1960, Mee foi convidada pelo Instituto de Botânica de São Paulo a participar do projeto *Flora Brasílica*, ilustrando a seção dedicada às bromélias. Viajou o Brasil por cinco anos, descobriu algumas espécies e batizou outras tantas, como a *Aechmea Meeana*, que ilustra esta matéria. O projeto resultou no livro *The bromeliads*, publicado em 1969.

Jardins para todos – A amizade com o paisagista Roberto Burle Marx trouxe Mee para o Rio de Janeiro. Os dois tinham se encontrado em expedições à Amazônia e o paisagista comentou que estava projetando parques públicos na cidade. Várias espécies coletadas em suas viagens foram doadas para os projetos de Burle Marx. Mee também trabalhou com o perito em orquídeas Guido Pabst, ilustrando o livro *Orquídeas brasileiras*. Mais duas publicações internacionais registram sua obra: *Flores da Amazônia* e *Em busca de flores na Floresta Amazônica*.

Mas foi na defesa da Floresta Amazônica que Mee mais se empenhou. Em plena ditadura militar, nas décadas de 1960 e 70, foi uma das primeiras vozes contra a devastação e ocupação da Floresta, levando ao mundo a mensagem de que era preciso preservar a natureza.

Sua última expedição à Amazônia foi em 1988, ano de sua morte, em um acidente de carro na Inglaterra. Nessa viagem, ela realizou um sonho acalentado desde 1965: capturar o desabrochar da *Selenicereus witti*, espécie de cactus conhecida como flor da lua, já que suas flores se abrem em uma única noite de lua



Sobralia Margaretae, uma orquídea de flores que só duram um dia, descoberta por Mee

cheia a cada ano. Além da imagem da flor, Mee registrou palavras de pura poesia, que confirmam o acerto de uma vida dedicada à arte de capturar a natureza: “Enquanto me posicionava ali, com a orla escura da floresta ao meu redor, sentia-me enfeitada. Então a primeira pétala começou a mexer-se, depois outra e mais outra e a flor explodiu para a vida”. ■

Um exemplo que dá frutos

Apesar da satisfação de ter registrado a flor da lua, Margaret Mee voltou triste da última viagem à Amazônia, indignada com a devastação da floresta. Na Inglaterra, denunciou a ocupação das matas e o desaparecimento de árvores centenárias. A morte de Mee, num acidente de carro, deixou a sensação de que “seu grito tinha sido cortado pela metade”, como define Elizabeth Wynn-Jones, diretora da Fundação Botânica Margaret Mee (FBMM). A Fundação, nasceu em 1989, visando assegurar recursos para estudiosos da área ambiental.

Centenas de bolsistas já receberam patrocínio para estudar no Brasil e no exterior. “Temos várias escolas de ilustração, muitas tocadas por ex-bolsistas”, ressalta Elizabeth.

Um dos maiores parceiros da Fundação é o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. “Atualmente, tocamos dois grandes projetos. Um é a digitalização das plantas secas do Herbário, com os resultados acessíveis pela internet. O outro é o levantamento florístico do que sobrou da Mata Atlântica”, explica Elizabeth.

Nada mais importante, no entanto, que difundir a mensagem de Mee, um exemplo que não pára de dar frutos. “Recentemente, fui conhecer uma obra dela na casa de um casal que tinha sido seu vizinho. Lá, num chalé no meio do mato, no silêncio da floresta, estava a luminosa aquarela... uma orquídea. Foi um momento especial”, relata Elizabeth, há 17 anos diretora da FBMM e ainda encantada com o legado da artista.

Mergulho cultural

Novembro é o Mês da Cultura. Mais uma vez, o Clube da Cultura organiza o evento que faz a cidade mergulhar na diversidade artística que é a sua marca. Além de espaços e espetáculos desenvolvidos especialmente para esse festival sem fronteiras, como atividades ao ar livre, ateliês de portas abertas e visitas guiadas a pé ou de bicicleta, este ano o MetrôRio oferece uma novidade. É o ticket Integração Cultural, bilhete ida e volta com direito a descontos em atividades de entretenimento, bares e restaurantes do Centro, válido nos fins de semana e feriados do mês. Por causa do bilhete especial, diversas instituições do Rio Antigo e da Praça XV ampliaram o horário de funcionamento e prepararam benefícios como brindes e promoções. É só acompanhar a programação na mídia, estações do metrô ou no *site* www.clubedacultura.com.

Olha a feira!

Vem aí mais uma Feira da Providência – a 46ª edição. Organizada pelo Banco da Providência, o objetivo do grande “mercado” internacional é reverter o lucro em trabalhos de inclusão e promoção social. Em um mesmo lugar, o público encontra cultura, lazer, compras e gastronomia, entre barracas de todos os estados brasileiros e de diversos países. A Feira vai de 6 a 10 de dezembro.

Feira da Providência

Riocentro – Av. Salvador Allende, 6.555 – Pavilhões 1, 2, 3 e 4 – Jacarepaguá. Tel.: 2544-2769 / 2442-1300. De quarta a domingo, das 12h às 23h.

www.providencia.org.br

Teatro e trovas

O Museu de Arte Brasileira Casa do Pontal oferece visitas guiadas que podem aumentar o interesse dos mais novos sobre a arte popular. A instituição utiliza música, teatro de bonecos, cordel, contação de histórias, trovas e versos. A Casa do Pontal



DIVULGAÇÃO/JAIME SILVA

No mundo do samba

Inaugurada em setembro, a Cidade do Samba, que fica na Zona Portuária – local tradicionalmente ligado ao carnaval –, ocupa uma área de 114 mil metros quadrados. A cidade temática foi criada para transformar as atividades das Escolas de Samba numa prática permanente, facilitando a produção do maior espetáculo da Terra e exibindo aos visitantes toda a magia da confecção de carros, alegorias e indumentárias. Além dos barracões destinados às agremiações do Grupo Especial, há atividades permanentes, como shows e rodas de compositores, apresentações de mestre-sala e porta-bandeira e minidesfile com a participação do público.

Cidade do Samba

Rua Rivadávia Corrêa 60, Gamboa. Diariamente, das 12 às 20h, exceto às quintas-feiras, quando funciona das 12h às 18h. Shows a partir das 19h. Informações: 2213-2503 / 2213-2546.

abriga 5 mil obras, de cerca de 200 artistas, produzidas a partir de 1950.

Museu Casa do Pontal

Estrada do Pontal, 3295 – Recreio dos Bandeirantes. Tel.: 2490-3278. www.museucasadopontal.com.br De segunda a sexta, das 9h30 às 11h30 e das 14h às 16h.

As visitas devem ser marcadas com um mês de antecedência pelo telefone.

Museus Castro Maya

Irmãos na origem, os Museus Castro Maya – Chácara do Céu e Museu do Açude – surgiram a partir do hábito de colecionador desenvolvido por Raymundo Ottoni de Castro Maya, que começou a colecionar objetos de arte pertencentes ao pai. Entre 1920 e 1968, ele adquiriu a quase-totalidade do acervo dos dois museus. São aproximadamente 22 mil itens, entre peças, livros e documentos.

Localizada em Santa Teresa, a Chácara do Céu guarda pinturas, desenhos e gravuras de artistas consagrados como Matisse, Picasso, Dali e Miró; a coleção de arte brasileira – Guignard, Di Cavalcanti, Iberê Camargo, Antonio Bandeira, além de importante conjunto de Portinari; e a coleção Brasiliana, uma das mais expressivas, com aquarelas e gravuras de viajantes do século XIX, como Rugendas, Chamberlain e Taunay, e mais de 500 originais de Jean-Baptiste Debret.

O Museu do Açude funciona em uma propriedade do Alto da Boa Vista localizado em uma área de mais de 150 mil metros quadrados na Floresta da Tijuca. O espaço tem como proposta relacionar o patrimônio cultural ao natural. Nele está a coleção de azulejaria e louça do Porto, fabricada a partir do século XIX. A coleção de arte oriental ostenta exemplares raros de escultura chinesa, indiana e indochinesa, bem como de porcelanas de procedências diversas.

Museu da Chácara do Céu

Rua Murinho Nobre, 93 – Santa Teresa. Tel.: 2224-8981 / 2224-8524 / 2507-1932.

Diariamente, exceto às terças-feiras, das 12h às 17h. Entrada franca às quartas.

Fechado nos feriados nacionais.

Museu do Açude

Estrada do Açude, 764 – Alto da Boa Vista. Tel.: 2492-5443 / 2492-2119. Diariamente, exceto às terças-feiras, das 11h às 17h. Entrada franca às quintas.

Fechado nos feriados nacionais.

Uma história de jovens escrita a quatro mãos por um casal de amigos que aproveita para discutir literatura por cartas. Uma história de gente grande contada para crianças que marca um dos períodos mais conturbados da incipiente república brasileira. Uma história que é a pré-história de tudo isso: da formação do território às formas de vida que se desenvolveram em solo brasileiro durante milhões de anos. Fechando, uma coletânea de textos que investigam a interação entre esporte, corporeidade, meio ambiente, mídia, virtualidade e formação profissional.

Livros

Lampião e Maria Bonita

Liliana Lacocca

Editora Ática, 2004

Na primeira metade do século XX gente simples do povo formava bandos armados e espalhava violência por todo o sertão nordestino. Eram os cangaceiros. Nenhum deles foi tão famoso e lendário como Lampião, o rei do cangaço. Lampião se apaixonou por Maria Bonita – duas pessoas suaves e delicadas interiormente, mas que a miséria, a injustiça social e sabe-se lá que sonhos fizeram com que embarcassem em uma vida de crimes sem volta. Uma das histórias mais impressionantes do nosso país contada para crianças.

Pré-história do Brasil

Bia Hetzel e Silvia Negreiros (orgs.)

Editora Manati, 2006

Obra baseada em extensa pesquisa, que descreve através de textos escritos em linguagem leve e acessível os aspectos mais interessantes da pré-história brasileira: desde a formação do nosso território, passando pelas diversas formas de vida que aqui se desenvolveram por milhões de anos e pela controversa chegada do homem na América do Sul, até chegar na situação dos povos nativos na época do descobrimento europeu.

A parceria

Cecília Vasconcellos

e Hebe Coimbra

Editora Manati, 2006

A parceria é formada pelos amigos escritores Camila e Leonardo, que decidem compor a quatro mãos uma história juvenil.

Escrevem alternadamente os capítulos e, como não vivem no mesmo estado e não podem contar com o recurso da internet, os enviam pelo correio acompanhados de cartas em que falam de si e de literatura.

A parceria revela, portanto, três universos que se entrelaçam: uma história juvenil, a vida de dois escritores e suas opiniões sobre literatura.

Século XX1 – a era do corpo ativo

Wagner Wey Moreira (org.)

Editora Papirus, 2006

No decorrer do século XX foram produzidas teorias que mostravam a importância da alteração do paradigma mecanicista, hegemônico ainda hoje, no trato das temáticas relativas ao corpo. Merleau-Ponty, Foucault, Capra, Morin, Maturana e Varela, entre outros, afirmaram a necessidade de se entender o corpo como unidade sensível, que se auto-



organiza e se relaciona consigo mesmo, com os outros e o universo, superando os excessos da racionalidade positivista.

A obra pretende identificar os fatores que influem no entendimento do corpo, reunindo representantes de várias áreas do conhecimento, como filosofia, antropologia, psicologia, saúde, teologia e educação, com trabalhos que investigam a interação entre esporte, corporeidade, meio ambiente, mídia, virtualidade e formação profissional.

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO	
BandRio	14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO Tons e Sons	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato Clima e tempo	Nós da Escola Temas: Música, Educação Especial e Literatura, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	9h-9h30 Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Juro que vi Aventuras cariocas	
	14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.	
Net - canal 14	7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial A civilização do cacau (dia 5) Brasil em movimento – A guerra civil (12) Brasil em movimento – Assalto ao poder (19) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (26)	
	8h-8h30	Séries e documentários O mundo secreto dos jardins	Cara de Criança Programas infantis: Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Museu mutante Épicos animados Contos de Wilde	Séries e documentários Arte e Matemática É tempo de diversão As religiões do mundo	Séries e documentários Mesa brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Programas infantis: Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Museu mutante Épicos animados Contos de Wilde	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	
	8h30-9h	Aqui no meu país É tempo de diversão				Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.			
	9h-9h30	As religiões do mundo	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Futebol, Animação, entre outros.	Nós da Escola Temas: Música, Educação Especial e Literatura, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Futebol, Animação, entre outros.	
	9h30-10h	Documentário especial Brasil em movimento – A guerra civil (dia 6) Brasil em movimento – Assalto ao poder (13) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (20) Acima do peso (27)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História		Nós da Escola Temas: Música, Educação Especial e Literatura, entre outros.	
	10h-10h30		Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Cantos do Rio MPB	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB	
	10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.	
	11h-11h30	Videoteca Clima e tempo Geografia física e meteorologia	Videoteca Clima e tempo Geografia física e meteorologia	Videoteca Clima e tempo Geografia física e meteorologia	Videoteca Clima e tempo Geografia física e meteorologia	Videoteca Clima e tempo Geografia física e meteorologia	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	
	Net Educação	12h-12h30	Reflets- Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Reflets- Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h. Veja a programação atualizada em www.multirio.rj.gov.br	
		12h30-13h	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Mesa brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial A civilização do cacau (dia 2) Brasil em movimento – A guerra civil (9) Brasil em movimento – Assalto ao poder (16) O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (23) Acima do peso (30)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais		
13h-13h30		Encontros com a Mídia Convidados: Zico Góes, Seymour Papert, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação		Nós da Escola Temas: Música, Educação Especial e Literatura, entre outros.			
13h30-14h		Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados			

PROGRAMA CRECHES SEMPRE VIDA

**UMA OBRA
ESSENCIAL, QUE
NÃO USA UM PINGO
DE CIMENTO.**

É uma tranquilidade para a mãe que trabalha saber que seu filho está bem cuidado e alimentado!

A Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro apoia 20 creches da Prefeitura do Rio, que são chamadas "Sempre Vida". Estas creches, construídas com parcerias da Obra Social, acolhem 2.120 crianças na faixa etária de três meses a quatro anos de idade.

As creches funcionam das 7h às 17h, incluindo alimentação (desjejum, almoço, lanche e jantar), banho, soneca da tarde e atividades educativas e de entretenimento.

O apoio conta com a participação de cerca de 20 voluntárias, que dão assistência em suas especialidades. Elas realizam palestras para pais e recreadoras em áreas como odontologia, psicologia, dermatologia, pediatria, nutrição, mastologia, assistência social e contadoras de histórias.



Nas Creches, as refeições são oferecidas em refeitórios separados por faixa etária.



Entre as suas inúmeras atividades está a visita de contadoras de histórias. Na foto, as atrizes Sueli Franco e Dibu Moraes.



As crianças voltam para suas casas alimentadas e de banho tomado.

OBRA DE CONSTRUÇÃO

de futuro

Nas datas festivas, como Páscoa, Festas Juninas, Dia das Crianças e Natal, o Programa inclui doações para as crianças, sendo que no Natal todas elas recebem

uma sacola com um brinquedo, uma roupa e um calçado novos. Todas as doações recebidas são encaminhadas para as creches.



As Creches têm equipamentos para atividades ao ar livre.

QUALIDADE DE VIDA É A NOSSA OBRA

Obra Social
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

RIO  **PREFEITURA**
ASSISTÊNCIA SOCIAL

Mais informações pelo Tel.: (21) 2503-4591 ou no site:
www.obrasocial-rj.org.br

Obra Social



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

Dez anos de LDB

RIO

 **PREFEITURA**

EDUCAÇÃO

MULTIRIO

central de atendimento: (XX21)2528 8282 • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br